



Resenha *MIGRAÇÕES NA ATUALIDADE* – Ano 18 – nº 66 – março 2007

Centro Scalabriniano de Estudos Migratórios – www.csem.org.br

Criminalização dos migrantes e violência no contexto migratório: desafios

EDITORIAL

ITALIANO

- [Immigrazione e criminalità](#)
- [Un pubblico da formare e informare](#)
- [Roma, un corso di moda contro violenza e sfruttamento](#)
- ["Sporco brasiliano torna al tuo Paese"](#)
- [Centri di permanenza temporanea: associazione giuristi, "Vengano chiusi"](#)
- [Amnesty: "Istituzioni più attente ai minori stranieri non accompagnati"](#)
- [Approvato ddl contro le discriminazioni razziali](#)

PORTUGUÊS

- [A migração não deve ser criminalizada](#)
- [Marrocos: Imigrantes ilegais abandonados no deserto de regresso a Melilla](#)
- [Vítimas da diferença](#)
- [Itália prende grupo que seqüestrava imigrantes ilegais](#)
- [Tráfico de mulheres fez 100 mil vítimas na AL e no Caribe em 2006](#)
- [Brincadeira do "imigrante ilegal" gera críticas em Nova York](#)
- [Brasil investiga prisão e maus-tratos de brasileiros nas Bahamas](#)
- [Em Berlim, aumenta a violência dos jovens oriundos da imigração](#)

ENGLISH

- [Somalis paying for their trading skill in Cape Town](#)
- [China guards clash with border crossers](#)
- [Blacks, Latinos in the South: Cooperation or confrontation?](#)
- [Security Officials Promote Integration as Crime Prevention](#)
- [The train to America](#)
- [On Migrants Day, UN calls on States to ratify treaty protecting their rights](#)
- [Indians in New Zealand face job bias](#)

ESPAÑOL

- [Descartan relación entre inmigración y aumento de la criminalidad en EU](#)
- [Colectivos de inmigrantes piden no vincular inmigración con criminalidad](#)
- [Refuerzan control federal en cárceles](#)
- [Aumenta fallecimiento de mujeres migrantes](#)
- [Jóvenes españoles "en guerra" con latinos llaman a nuevas protestas](#)
- [Una ONG de ayuda a inmigrantes sufre tres ataques en el último año](#)
- [El Ku Klux Klan resurge en Estados Unidos](#)

EDITORIAL

Nos dias de hoje, tornou-se comum acreditar na existência de nexos profundos entre os grandes fluxos migratórios e o crescimento da violência. Acredita-se que a chegada maciça de estrangeiros provoque necessariamente o aumento de crimes hediondos e outros atos violentos. Nesta perspectiva, o endurecimento das leis imigratórias é tido como um importante instrumento de proteção das populações locais. A questão migratória virou uma questão de ordem pública. Diante disso, surgem algumas perguntas: estamos diante de opiniões fundamentadas em análises objetivas da realidade ou em meros preconceitos? A violência é realmente um elemento inerente ao ato migratório?

Historicamente, a chegada de povos estranhos esteve freqüentemente relacionada aos riscos de guerras e outras formas de violência. Podemos lembrar da entrada dos povos “bárbaros” no Império Romano, da ida dos judeus à terra de Canaã ou da invasão européia ao continente americano. Mesmo nos casos em que não ocorrem conflitos bélicos, a chegada massiva de populações diferentes gera, freqüentemente, transformações, mudanças, às vezes choques e desordens.

O “outro”, não raramente, se transforma em “inimigo”. Isso vale tanto para os povos que emigram, quanto para aqueles que vivem em contato com imigrantes. Em ambos os casos, embora com modalidades diferenciadas, ocorre o encontro com alteridades que desafiam, questionam e colocam novas fronteiras no interior dos próprios espaços vitais. O que está em jogo é a sobrevivência biológica, social e, sobretudo, ‘existencial’, ou seja, a visão da realidade, a identidade, o paradigma hermenêutico, o “mapa da mina” – como diria Otto Maduro – das populações envolvidas.

Diante disso, é cada vez mais comum trilhar os caminhos da violência para solucionar os desafios levantados pela alteridade. Esses caminhos podem ser resumidos em quatro grandes blocos: a separação/exclusão, a assimilação, a expulsão e a eliminação do diferente.

Pelo processo de *separação/exclusão*, o diferente é apartado física, geográfica, religiosa, racial e/ou etnicamente. Posto que seja impossível, ou não conveniente, expulsar ou eliminar a diversidade, ela é tolerada desde que permaneça separada do corpo. Nos dias de hoje, os migrantes irregulares conseguem permanecer nas terras de chegada sob condição de se tornarem ‘invisíveis’ e não criarem problemas aos nativos. Para os migrantes mais rebeldes, a separação é determinada pelas grades das celas. Outras vezes, são os estereótipos e os preconceitos étnicos, religiosos e raciais que estabelecem as cercas.

Pela *assimilação*, o outro é aceito sob condição de deixar de ser outro. Neste caso, a violência contra o migrante é violência contra sua alteridade, como diz Bauman. O problema não é o ser humano, mas sua cultura, sua religião. Ele será bem aceito na nova comunidade se abrir mão de sua identidade histórica. A ‘conversão’ a novos valores e princípios garantirá sua inclusão social.

A *expulsão* é um dos caminhos mais trilhados. O diferente que não quer ficar ‘invisível’ e não aceita ser assimilado deve ser expulso, banido. Em geral, a expulsão se concretiza tanto pela deportação de migrantes, quanto pelo endurecimento das políticas imigratórias, de modo a evitar o ingresso de indivíduos pertencentes a grupos indesejados. Neste último caso, há uma ‘expulsão preventiva’: o migrante é rejeitado antes de chegar.

Por fim, a *eliminação*: sem dúvida é o caso mais grave, pois envolve a supressão biológica do diferente. Geralmente acontece nos casos em que a expulsão não é considerada suficiente para reduzir os riscos da comunidade: o outro deve ser aniquilado. A eliminação biológica se realiza nos genocídios étnicos e raciais, mas também nos casos de violência contra grupos de migrantes ou outras pessoas consideradas diferentes.

É bom sublinhar que essas quatro formas de violência não se referem apenas à ação dos nativos contra os migrantes, embora, nos dias de hoje, seja essa a tendência mais comum. De fato, como dizíamos, o contato com a alteridade do lugar de chegada pode levar os próprios migrantes, sobretudo quando são numérica ou militarmente superiores, a usar essa violência contra os nativos. O encontro com a alteridade desafia tanto os que migram quanto os povos autóctones.

Nesta perspectiva, a questão de fundo não está na relação entre violência e migração, e sim entre violência e alteridade. O que parece despertar os instintos violentos, mais que o migrante, é seu ser diferente. E é bom realçar que a alteridade pode ser territorialmente exógena ou endógena. Assim, a

violência não é algo inerente ao processo migratório: é a dificuldade em lidar com a alteridade, geralmente acompanhada a outros fatores (sociais, políticos, econômicos, religiosos etc.), que faz com que a diversidade do migrante ou dos nativos possa gerar conflitos violentos. A alteridade não é a 'causa' da violência, mas pode ser o fator que a desencadeia.

Nesta esteira, René Girard, ao estudar os *estereótipos persecutórios*, aponta o "forasteiro" como uma das categorias mais suscetíveis de serem aleatoriamente escolhidas como bodes expiatórios e, portanto, como vítimas de atos violentos. Assim, mesmo não tendo nenhuma participação na origem da crise, o estrangeiro tem sérias possibilidades de ser culpado simplesmente pelo fato de ser "forasteiro", de fora, estranho, diferente.

Na atualidade, algo análogo ao descrito por Girard é a "criminalização" dos migrantes, cujo objetivo é enfraquecer suas potencialidades reivindicativas e, sobretudo, dissimular as verdadeiras causas das crises sociais. Infelizmente, essa violência se auto-justifica e auto-reproduz: a criminalização dos migrantes justifica os atos de violência contra eles; por outro lado, essa prática costuma gerar uma violência reativa por parte das vítimas, desencadeando o conhecido processo da "escalada (*escalation*) da violência", um progressivo aumento dos atos violentos de ambos os lados, reiteradamente legitimados pela violência alheia.

A Resenha "Migrações na Atualidade", nº 66, visa contribuir para o conhecimento e o debate sobre a relação entre violência, alteridade e migrações, apresentando um conjunto de matérias veiculadas pela mídia sobre esse tema. O objetivo é tentar superar visões estereotipadas, em busca de análises que alcancem os problemas verdadeiros e suas causas mais profundas. Neste sentido, acreditamos que seja, no mínimo, duvidoso culpar os migrantes e sua alteridade pelo aumento de uma violência que, na realidade, brota de crises sociais, políticas e econômicas que, por sua vez, são uns dos sintomas da globalização planetária propositalmente construída de forma unilateral, assimétrica e acrítica.

Immigrazione e criminalità

Marianna Lenarduzzi

L'abitudine di dare agli immigrati la responsabilità della criminalità è una cosa antica, ricordiamo infatti che nei primi anni del 1900 in America si è sviluppata un'ampia letteratura, inerente agli italiani, che li presentava in quanto immigrati veicolo di criminalità.

Tutte le indagini recenti sull'immigrazione negli Stati Uniti dimostrano però che almeno la prima generazione degli immigrati viola la legge molto meno degli autoctoni. In Italia questa associazione di idee è ancora viva, ma è altrettanto priva di fondamento. Tuttavia è vero che abbiamo un numero notevole e crescente di immigrati che operano nei circuiti della criminalità.

Perchè? Potrebbe esserci un conflitto tra culture per cui gli immigrati si troverebbero sbandati nel passaggio da società semplici a società complesse e quindi maggiormente a rischio. Un'altra spiegazione potrebbe essere la deprivazione relativa, per cui per ottenere una

condizione di benessere pari ad un autoctono si cerca la scorciatoia dell'illegalità. Inoltre potrebbe influire anche l'insufficienza del controllo sociale e dei meccanismi che scoraggiano l'adozione di comportamenti illegali.

La criminalità organizzata di oggi è la prima industria al mondo poiché il suo fatturato supera quello farmaceutico e petrolifero. È un fenomeno economico intrecciato strettamente con l'economia legale; nelle borse e nelle banche le due economie sono inseparabili. L'economia criminale ha gli stessi fini di quella legale cioè accrescere le imprese ed è importante ricordare che non è un fenomeno né etnico né territoriale.

Essa è composta da un insieme di attività profondamente radicate nel tessuto sociale, in particolare delle società più ricche, poiché si è specializzata nel dare risposte ai bisogni non soddisfatti dall'economia globale (droga, prostituzione, traffico di esseri umani, pornografia, usura, racket, ecc.).

L'immigrazione, in particolare nel contesto italiano, risulta implicata soprattutto nei soft crimes quali lo spaccio di droga, la prostituzione, lo strozzinaggio e le molestie.

La teoria della tolleranza zero coniata dal *Manhattan Institute* come teoria esplicativa del comportamento deviante e criminale afferma che le grandi trasgressioni nascono dalle piccole trasgressioni non punite adeguatamente, e che di conseguenza la criminalità nasce dal basso, dai singoli devianti. Si teorizza quindi che la criminalità si azzererà se si puniranno sul nascere i comportamenti devianti.

Questa spiegazione non è reale, fa riferimento ad un paradigma individualistico e criminalizza i soggetti marginali. La microcriminalità è una sottoproduzione della macro-criminalità. Lo vediamo, per esempio, nello spaccio di droga in cui spaccia solo chi è rifornito ed autorizzato oppure nel contrabbando che è molto più remunerativo nelle mani delle grandi associazioni criminali.

La manovalanza in Italia è attivata da stranieri, mentre le mafie italiane incassano una tassa, usando l'esternalizzazione e la delocalizzazione come strategie per abbassare i rischi.

Un pubblico da formare e informare

I numeri da rivedere. Irregolarità, criminalità, presenza sul territorio: le convinzioni che circolano tra il pubblico sono molto distanti dai dati reali. Secondo il Rapporto di Ricerca FuoriLuogo, L'immigrazione e i media italiani, realizzato dal Dipartimento di Sociologia e Comunicazione sotto la direzione scientifica di Mario Morcellini, sette italiani su dieci pensano che gli immigrati presenti in Italia siano prevalentemente irregolari, mentre i dati della Commissione Europea, riportati dalla Caritas, rilevano che solo un quarto della popolazione immigrata residente in Italia non è regolare. Circa il 30 per cento delle persone intervistate per il Rapporto, pensa inoltre che il tasso di criminalità tra i cittadini stranieri residenti in Italia sia superiore a quello degli italiani. I dati del Dossier Caritas 2003 testimoniano, al contrario, che la criminalità immigrata riveste un ruolo secondario nel panorama italiano. Per quello che riguarda la presenza sul territorio prevale la diffusione della

Riscontriamo che un numero maggiore di immigrati viene coinvolto in fatti criminali e che su 100 stranieri in carcere 45 vi sono entrati per reati commessi in violazione delle leggi sull'immigrazione (violenza agli ufficiali, fuga, false generalità, falsi documenti, ecc.).

Gli arrestati, tra il 65 % e il 92% (a seconda dei reati), sono immigrati stranieri senza regolare Permesso di Soggiorno. Eppure tra il 1986 e il 2005 l'80% degli immigrati è entrato in Italia irregolarmente, anche grazie alla normativa vigente, dando un succulento regalo alla criminalità organizzata.

E' bene ricordare che la condizione di irregolarità espone alla ricattabilità: per sopravvivere, avere un lavoro e un alloggio molti sono costretti ad adattarsi a questo perverso sistema. Aggiungo che la legalizzazione di alcuni fenomeni (ad esempio droga e prostituzione) non è altro che una normalizzazione del fenomeno e una legittimazione di attività contrarie ai diritti umani fondamentali. [TOP](#)

Fonte:
http://www.assistentsociali.org/articolo_completo.php?q=24 - 19.02.07

sindrome da accerchiamento: il 20 per cento degli intervistati pensa che la percentuale di cittadini extracomunitari sia compresa tra il 16 e il 20 per cento del totale della popolazione italiana, mentre il 30 per cento pensa che sia superiore al 20 per cento. I dati reali parlano di una percentuale di persone immigrate nel nostro Paese che non raggiunge il 5 per cento della popolazione totale.

Perchè vengono e cosa fanno. Quasi il 90 per cento delle persone intervistate ritiene che le cause delle migrazioni siano tutte ascrivibili allo stato di povertà dei Paesi di origine. Il 36 per cento pensa che la spinta sia il desiderio di migliorare le proprie condizioni economiche e, solo il 5 per cento, individua nel ricongiungimento familiare la motivazione che spinge i cittadini stranieri a venire in Italia. Più del 60 per cento degli intervistati ritiene, inoltre, che le persone immigrate trovino lavoro nel nostro Paese perchè "sono disposte a fare lavori che gli italiani non vogliono più fare" e perchè "accettano condizioni

più disagiate". Mentre, i dati reali (Dossier Caritas 2003) dicono che a livello nazionale il settore dei servizi (alberghi, ristoranti) è quello che ospita più forza lavoro immigrata, a differenza dell'opinione comune (31 per cento degli intervistati) per la quale gli immigrati sono maggiormente impiegati nei lavori agricoli.

La religione. Nonostante i paesi di provenienza degli immigrati presenti in Italia siano 191, con una conseguente composizione etnica tra le più diversificate d'Europa e notevoli ripercussioni anche sul quadro delle appartenenze religiose, oltre il 56 per cento degli intervistati per il Rapporto di Ricerca ritiene che i cittadini stranieri presenti in Italia siano prevalentemente islamici e solo l'8 per cento indica la religione cristiana come quella prevalente. Ancora una volta, secondo i dati Caritas, la realtà è molto diversa da quella percepita: quasi il 46 per cento dei cittadini stranieri residenti nel nostro Paese è cattolico e solo il 36 per cento è di fede islamica.

I tipi di pubblico. Informati, ansiosi, disinteressati, aperti: quattro i gruppi in cui è segmentata l'opinione pubblica secondo il Rapporto di Ricerca. Gli informati sono quelli in cui prevale un livello culturale alto e una buona conoscenza del fenomeno, anche se questo non si traduce in un atteggiamento di accoglienza e di interesse verso gli immigrati. Una scarsa conoscenza del

fenomeno, unita a un basso capitale culturale, sono le caratteristiche del pubblico ansioso, che teme l'immigrato e ha un atteggiamento di chiusura verso le altre culture. Un atteggiamento poco problematico e poco critico rispetto al fenomeno è proprio, invece, dei disinteressati, nel cui gruppo rientrano a pieno titolo i giovani. Infine, gli aperti: non conoscono bene il fenomeno migratorio, ma sono naturalmente ben disposti e sostenitori delle politiche di accoglienza e integrazione.

Un nuovo pubblico: formato e informato. Media e esperienza diretta: un'opinione consapevole del fenomeno migratorio può essere veicolata da un corretto modo di fare informazione e da esperienze conoscitive dirette, che non siano condizionate da pregiudizi e stereotipi, ma siano il risultato di un processo di accoglienza dell'altro e di curiosità e interesse per le diversità culturali.

Media e quotidianità, quindi, si devono fondere insieme perché l'opinione possa formarsi come frutto di un processo continuo di elaborazione di informazioni, in cui una conoscenza critica dei fenomeni è lo strumento fondamentale per orientarsi correttamente. [TOP](#)

Fonte: Rapporto di ricerca "FuoriLuogo. L'immigrazione e i media italiani", Pellegrini/Rai-Eri, in corso di pubblicazione.

Roma, un corso di moda contro violenza e sfruttamento

Obiettivo: formare professionalmente un gruppo di ragazze, molte delle quali provenienti dall'Est europeo, vittime di emarginazione e violenza

Formare professionalmente un gruppo di ragazze, molte delle quali provenienti dall'Est europeo, vittime di emarginazione e violenza: questo l'obiettivo di "Per riprendere il filo. Percorso formativo per uscire dal disagio", ideato da Stefano Dominella e realizzato in collaborazione con l'assessorato delle Politiche Sociali del Comune di Roma; Irfi (Azienda speciale per la formazione della Camera di Commercio di Roma), la Provincia di Roma, che ha finanziato il percorso formativo, e CNA/Scuola di moda Ida Ferri (Confederazione Nazionale dell'Artigianato e della Piccola e Media Impresa) che ospita il corso. "Si tratta di uno dei progetti più belli che siano stati messi in campo - ha affermato Walter Veltroni, sindaco di Roma - Una struttura che si propone di

contrastare lo sfruttamento delle donne, in molti casi ridotte ad una vera condizione di schiavitù". "Esistono infatti - ha proseguito il sindaco - delle storie tragiche di violenza, prostituzione e ricatti ed è giusto che se ne parli, perché la vita di una città è fatta anche di queste cose. Così, considerato che molte aziende abbiano bisogno di modelliste, si è avviato questo progetto con Alta Roma, per formare delle figure professionali che, terminata l'esperienza di vetrina che vedrà i loro abiti sfilare, faranno degli stage presso delle aziende, in prospettiva di un lavoro. Quindi - ha concluso Veltroni - è un progetto con garanzia di reinserimento, tutela e sicurezza della persona ed effettivo riavvio al lavoro, in modo da permettere a queste giovani donne, che sono passate dal

lavoro alla strada, di ripercorrere l'itinerario al contrario e, così, reinserirsi".

Al centro del progetto "Per riprendere il filo. Percorso formativo per uscire dal disagio", tutte ragazze giovanissime con storie molto pesanti alle loro spalle, 8 delle quali provengono dal Progetto Roxanne del Comune di Roma per donne vittime di tratta sessuale, partite dal loro paese in cerca di un futuro migliore e, invece, costrette a prostituirsi. Donne che, grazie al loro coraggio, si sono ribellate e stanno lavorando per avere un futuro diverso. Altre 4 ragazze sono invece state accolte nella rete del Comune di Roma per mamme con bambino in condizioni di fragilità. "Grazie al finanziamento della Provincia di Roma, alle 12 ragazze iniziali, e' stato possibile aggiungerne altre 8 - ha spiegato Gloria Malaspina, assessore al Lavoro della Provincia di Roma - Questo progetto crea quindi una vera occasione di lavoro perché, dietro all'effimero della moda, ci sono tantissime cose da fare". Il laboratorio, coordinato da Deanna Ferretti, partito lo scorso 4 dicembre presso la Scuola di Moda Ida Ferretti, prevede oltre 700 ore di corso e di attività didattica, volti alla formazione di

modelliste. La prima parte del workshop prevede la realizzazione di veri e propri capi di abbigliamento ispirati alla tunica romana, che saranno presentati durante le sfilate del 29 gennaio. Da febbraio prenderà il via la seconda parte del corso, coordinato da Anna Fiorelli e, alla fine del percorso didattico (luglio 2007), le aspiranti modelliste avranno la possibilità di accedere a stage formativi presso note griffe italiane. Inoltre, il corso avrà un tutor d'eccezione: lo stilista Santo Costanzo, creatore dei costumi del film "Pinocchio" di Roberto Benigni. "Con la moda si possono ottenere risultati inaspettati - ha affermato Stefano Dominella, presidente di Alta Roma - Non solo, infatti, colori, stoffe e *paillettes* ma, anche sociale e solidarietà'. Per riprendere il filo. Percorso formativo per uscire dal disagio era un progetto difficile da realizzare perché, quando nella moda si parla di qualcosa che esula dal *glamour*, bisogna vincere delle piccole battaglie e noi lo abbiamo fatto, per ridare la speranza a delle giovani donne". [TOP](#)

Fonte:

<http://www.vita.it/articolo/index.php3?NEWSID=76212&H=vio lenza> - 26.01.07

"Sporco brasiliano torna al tuo Paese"

12enne autistico aggredito all'oratorio. Il parroco: "Nessun insulto, è stato solo uno spintone"

BERGAMO - Bullismo, ma non solo, anche razzismo violento, e questa volta non in una scuola: in un oratorio. Un ragazzino di 12 anni, brasiliano, affetto da autismo, è stato vittima delle aggressioni fisiche e verbali di alcuni suoi coetanei, che filmavano la scena con un telefonino. E' accaduto a Bariano, nella Bassa Bergamasca. A raccontare l'episodio è stata la vittima stessa.

Il dodicenne ha spiegato che mercoledì scorso, nel cortile dell'oratorio Don Bosco di Bariano, un ragazzo più grande lo avrebbe insultato, dandogli dello "sporco brasiliano". Quando ha cercato di reagire, sputando, l'altro l'avrebbe aggredito, prima prendendolo a pugni e poi afferrandogli la testa fra le mani e schiacciandogliela contro un gradino, mentre i coetanei assistevano divertiti alla scena.

In ospedale, dove il ragazzino è stato condotto per essere medicato, gli è stato diagnosticato un trauma cranico non commotivo. E la madre,

Zuelya Da Silveira Santos, tornata all'oratorio per avere spiegazioni, è stata anch'essa insultata, non solo dai ragazzi che avevano già preso di mira il figlio, ma anche dalle loro madri: "Mi dicevano di tornare al mio Paese, qualcuno mi ha anche gridato 'brutta nera' e qualcun altro scattava foto col telefonino".

Il ragazzino, spiega la donna, "è malato, la sua malattia lo rende iperattivo, non sa distinguere fra lo scherzo e la provocazione. E' seguito da un'assistente ma negli ultimi tempi provava ad andare un po' da solo all'oratorio e noi lo sorvegliavamo da lontano. Più volte abbiamo visto che i grandi lo avevano provocato, e lo avevano colpito con il pallone. Ma ho individuato quello che lo ha aggredito: è un ragazzone più alto di me, stava fra gli altri che mi insultavano, ho avuto paura".

Ai carabinieri della compagnia di Treviglio il parroco di Bariano, don Alessandro Longo, racconta tutt'altro. "Ma quale episodio di bullismo,

c'è stato solo uno spintone", i fatti "non sono andati come la madre li ha raccontati", il ragazzino "non è stato picchiato e nemmeno insultato", e tanto meno sarebbe "stato filmato". "L'unico momento in cui è stata fatta qualche ripresa - dice don Fabio, coadiutore dell'oratorio - è stato quando la madre del dodicenne ha insultato tutti i presenti. Quel ragazzino è problematico, tutti

comprendono il suo stato ma talvolta qualche ragazzo perde la pazienza. Bisognerebbe invece chiedersi perché si trovi sempre solo, avrebbe bisogno di assistenza continua". [TOP](#)

Fonte:

http://www.repubblica.it/2007/03/sezioni/scuola_e_universita/servizi/bullismo-4/brasiliano-picchiato/brasiliano-picchiato.html - 09.03.07

Centri di permanenza temporanea: associazione giuristi, "Vengano chiusi"

Alla presentazione della relazione sui Cpt della commissione presieduta da Staffan De Mistura, l'Associazione di studi giuridici sull'immigrazione si schiera per la loro abolizione

I giuristi specializzati sui temi dell'immigrazione sono d'accordo sulla necessità di chiudere i Centri di permanenza temporanea per immigrati clandestini. Alla vigilia della presentazione della relazione sui Cpt da parte della commissione voluta dal Viminale e presieduta da Staffan De Mistura, l'Associazione di studi giuridici sull'immigrazione prende decisamente posizione. "Noi siamo per la chiusura totale e completa dei Cpt" ha dichiarato all'agenzia Dire "perché sono, di fatto, anche giuridicamente, una detenzione in assenza di reato - spiega Nazarena Zorzella, dirigente dell'Asgi, più volte ascoltata nel corso delle audizioni sull'eventuale riformulazione della legge Bossi-Fini -. I risultati espressi nella bozza della relazione della commissione costituiscono un primo passo positivo in questo senso", aggiunge di fronte alle anticipazioni che vorrebbero la Commissione De Mistura fortemente critica sui Cpt. L'espulsione e il trattenimento, prosegue Zorzella, "non sono dei reati", però prevedono "una detenzione più forte ed esclusiva" delle carceri (quella, appunto, nei Cpt). "Sono dei luoghi del tutto privi di diritti", aggiunge Zorzella. L'avvocato ritiene giusto anche, come indicherebbe la relazione della Commissione, che i Centri di identificazione siano trasformati in Centri di accoglienza: "Attualmente hanno una conformazione che è grosso modo simile ai Cpt- sottolinea la dirigente Asgi- e le direttive comunitarie non consentono il trattenimento in strutture chiuse di un richiedente asilo, per esempio. Costoro hanno una posizione molto diversificata dagli stranieri normali, perché sono in fuga dal loro paese per problemi di persecuzione e discriminazione. Mi auguro che ci sia un graduale, ma mi auguro veloce, liberazione dei centri di identificazione".

Anche la presenza delle badanti nei Cpt, viene ritenuta dai giuristi "una delle tante assurdità" di questi centri. "Soprattutto negli ultimi anni- aggiunge Zorzella (Asgi)- una grossa parte dei trattenuti sono costituiti da donne che sono in attesa di perfezionare la procedura di autorizzazione al lavoro. E' positivo che la Commissione (guidata da De Mistura, ndr) abbia rilevato l'irrazionalità di questa situazione: si tratta di persone essenziali per le famiglie italiane e per la tenuta del welfare". Altra assurdità, rilevata dall'Associazione di studi giuridici sull'immigrazione, è la presenza di ex detenuti nei Centri. "Passano dalle carceri ad un altro carcere, il Cpt- spiega Zorzella- dove la legge prevede che si collochi lo straniero quando non c'è un aereo a disposizione, per esempio, o se manca l'identificazione. Ma se lo straniero è stato in carcere c'è stato tempo, mesi o addirittura anni, per identificarlo compiutamente. Non si capisce perché lo stesso tipo di procedure avviate, poi, in questa direzione nei Cpt non possono essere applicate quando stanno nelle carceri". Allo stesso modo l'Asgi giudica "inammissibile" che in questi Centri siano trattenute le vittime di tratta: "Sono spesso ragazze giovani e sfruttate, non possono stare in questi centri".

Anche l'assistenza legale insufficiente offerta agli ospiti dei Cpt è uno dei punti critici rilevati dalla Commissione De Mistura e che trova d'accordo l'Asgi. "Non c'è assistenza legale- taglia corto la dirigente Zorzella-. Oggi i Cpt sono solo ed esclusivamente dei luoghi di detenzione dove non c'è un libero accesso neanche per gli avvocati. Ci sono procedure tali per cui solo se si è stati nominati si può accedere, e solo in determinate fasce orarie". Non sempre lo straniero, prosegue

Zorzella, soprattutto se e' arrivato da poco tempo, e' a conoscenza di un avvocato per fare una nomina: "C'e' quindi impossibilita' di accesso e di informazione anche legale- aggiunge l'avvocato- su quelli che sono i suoi diritti". Non esistono neanche programmi sociali di assistenza, segnala l'Asgi: "Ci sono tutte figure improbabili e generiche, mancano progetti di assistenza sociale, psicologica, sanitaria. I Cpt sono luoghi abbandonati". Va bene, inoltre, per l'Associazione di studi giuridici sull'immigrazione, il punto dell'emendamento presentato ieri sera alla Camera dall'esecutivo, che prevede l'ingresso libero per gli extracomunitari che restano 3 mesi (via, in questo caso, al permesso di soggiorno). "E' un piccolo correttivo per eliminare l'incontro a distanza con il datore di lavoro che presuppone un periodo precedente di clandestinita' da parte dell'immigrato- commenta Zorzella- Consente allo straniero di trovare occasioni di lavoro e poi formalizzarle".

Anche la prevista cancellazione dell'articolo 7 della Bossi-Fini viene considerata positiva. La norma, che prevedeva l'obbligo per i padroni di casa di segnalare entro 48 ore alla pubblica sicurezza l'ospitalita' concessa ad uno straniero e' discriminatorio, "richiesto solo per loro". Più in generale, sulla revisione del testo unico dell'immigrazione, la giurista dell'Asgi conclude: "Vediamo un po' cosa farà il governo. Il ministro Amato aspettava i risultati dei lavori della Commissione De Mistura proprio per delineare quella che potrebbe essere la riforma. Noi speriamo che lo faccia velocemente, anche perché i tempi non sono sempre compatibili con i diritti di queste persone che sono comunque trattenute nei Cpt. Bisogna avvicinare le due esigenze". [TOP](#)

Fonte: <http://www.vita.it> - 30.01.07

Amnesty: "Istituzioni più attente ai minori stranieri non accompagnati"

Rapporto sui minori migranti arrivati in Italia realizzato nell'ambito della campagna "Invisibili"

ROMA - Le istituzioni sono più attente ai minori stranieri non accompagnati che giungono via mare nel nostro paese. Lo afferma la sezione italiana di Amnesty International nel rapporto sui minori migranti arrivati in Italia realizzato nell'ambito della campagna "Invisibili".

Dei 22.939 stranieri arrivati nel 2005 sulle coste italiane, 1.622 erano minori; nel 2006 invece si erano stati 1.355 su 22.016. Sono persone che giungono da aree di conflitto e di crisi per i diritti umani, in particolare dai paesi del Corno d'Africa; la presenza ingente di minori non accompagnati proviene da Marocco, Tunisia ed Egitto. Sebbene la maggiore attenzione delle istituzioni alla questione, per Amnesty è ancora "insufficiente" l'attenzione all'arrivo e alla detenzione alla frontiera di moltissimi bambini, spesso piccoli, all'interno di nuclei familiari di richiedenti asilo, molti dei quali provengono da Etiopia, Eritrea e Somalia. E' giudicato positivo anche il fatto che nell'ultimo anno la prevalente "prassi di non far seguire un ulteriore periodo di detenzione a quello applicato all'approdo a Lampedusa".

Il rapporto sottolinea però che "la prassi di detenere sistematicamente i nuclei familiari con minori dopo l'arrivo non pare aver subito alcuna sensibile mitigazione". Cita infatti i casi rilevati durante la visita al centro di Crotone, lo scorso 24 gennaio, della presenza di due donne in gravidanza; altre due donne, ognuna delle quali con un bambino di un mese; una famiglia con un bambino di 11 mesi; una famiglia con un minore di 15 anni. Amnesty chiede con urgenza alle autorità di rivedere questo stato di cose.

Sottolinea poi i rischi legati all'uso esclusivo della medicina legale per la determinazione dell'età che porta con sé la possibilità di espulsioni erranee o trattenimenti in Cpta. Il rapporto solleva inoltre la "particolare preoccupazione" che desta la perdurante "invivibilità" dei minori migranti provenienti dall'Egitto, quasi 2 mila giunti in Italia fra il 2005 e il 2006, nella maggior parte dei casi non accompagnati. Amnesty riferisce che molti minori egiziani, a volte anche giovanissimi, si sono allontanati dalla Sicilia al di fuori di qualsiasi percorso protetto, per raggiungere città dell'Italia del Nord, fra le quali Milano. All'organizzazione sono inoltre giunte segnalazioni di ragazze

marocchine molto giovani, anch'esse allontanatesi dal territorio siciliano in circostanze che sono

"parse preoccupanti". [TOP](#)

Fonte: www.stranieriinitalia.it - 24.02.07

Approvato ddl contro le discriminazioni razziali

Da 6 mesi a 4 anni per chi commette atti discriminatori

Il Consiglio dei ministri ha approvato stasera il ddl Mastella sull'istigazione e l'apologia di crimini contro l'umanità. Il provvedimento amplia e rende più severe le norme per quanti propagandino la superiorità razziale e quanti commettano o incitino a commettere atti discriminatori.

Il ddl, infatti, prevede che venga punito con una pena fino a tre anni chiunque diffonda idee sulla superiorità razziale e prevede una pena da 6 mesi a 4 anni per chiunque commetta o inciti a commettere atti discriminatori per motivi razziali, etnici, nazionali, religiosi o compiuti a causa del personale orientamento sessuale o dell'identità di genere.

Di fatto il ddl Mastella torna a far rivivere una parte del provvedimento Mancino modificato nel

2006, sotto il governo Berlusconi, con la legge sulla depenalizzazione dei reati di opinione. Basterà semplicemente "diffondere", pur senza fare "propaganda", idee antisemite o sulla superiorità e l'odio razziale per essere perseguiti.

Il disegno di legge, inoltre, prevede che gli assegni vitalizi per i perseguitati politici e razziali non incidano sui limiti di reddito. E', quindi, possibile il riconoscimento dell'assegno e della pensione sociale indipendentemente dal reddito. Il ddl, infine, include il finanziamento di un programma internazionale di educazione sull'Olocausto e istituisce un osservatorio sull'antisemitismo in Italia. [TOP](#)

Fonte:

<http://www.stranieriinitalia.it/news/mastella25gen2007.htm> - 25.01.07

A migração não deve ser criminalizada

Por Eduardo Gudynas

A Cúpula Ibero-Americana, celebrada em Montevideu, com a presença de chefes de Estado e representantes de 22 nações, terminou com vários acordos e alguns pontos a destacar. O encontro centrou-se na problemática da migração, onde, sem dúvidas, a intervenção do presidente da Bolívia, Evo Morales, foi a mais profunda e real. Enquanto vários presidentes apelaram a discursos convencionais, recordando os compromissos assumidos na comunidade internacional ou listando as aspirações, Morales relatou sua própria vivência, em uma viagem a Espanha.

Morales chegava por primeira vez ao aeroporto internacional de Barajas, como dirigente sindical, para fazer conexão com um voo interno que o levaria a uma reunião sobre desenvolvimento, quando foi detido por agentes da migração espanhola. O atual presidente da Bolívia relatou diante de todos os demais chefes de Estado e do rei da Espanha como foi tratado pela migração, que lhe exigiu 500 dólares para continuar sua

viagem. Morales não tinha esse dinheiro e ficou zangado, dizendo que, se não haviam bastado os 500 anos de apropriação dos recursos da região, tampouco lhes bastariam esses 500 dólares.

Essa intervenção reflete muito bem os vai-e-vens da Cúpula Ibero-Americana e a importância do tema da migração. Várias intervenções reclamaram que os migrantes não fossem criminalizados, o que em palavras mais simples implica em garantir-lhes um trato respeitoso e digno nos portos de entrada. Esses acordos aparecem no "Compromisso de Montevideu sobre Migrações e Desenvolvimento", onde se sustenta que "é imperativo situar a pessoa do migrante no centro dos programas ou projetos migratórios", garantindo o respeito aos seus direitos humanos "independentemente de sua condição migratória, qualquer que seja sua nacionalidade, origem étnica, gênero ou idade". Da mesma forma, o compromisso assinala que "migrar não é delito" e que devem ser estabelecidas políticas e práticas de segurança que não deverão estigmatizar os

migrantes. O testemunho do presidente Evo Morales deixa muito clara a importância desse compromisso.

Os presidentes subscreveram também a "Declaração de Montevideu", que recopila vários pontos do acordo, tais como a adoção da Carta Cultural Ibero-Americana e algumas medidas potencialmente interessantes, como a conclusão do Fundo para o Desenvolvimento dos Povos Indígenas da América Latina e do Caribe (Fundo Indígena).

Porém, os acordos mais substanciais estão no referido "Compromisso de Montevideu", onde se tenta dar uma visão mais ampla do problema migratório. Por exemplo, invoca-se a redução da pobreza e a melhoria da qualidade de vida para terminar com a expulsão de pessoas, e se trata da questão das remessas, afirmando-se que "não devem ser catalogadas como ajuda oficial ao desenvolvimento, posto que são fluxos financeiros privados de solidariedade familiar e respondem ao direito que tem todo ser humano de prestar assistência de modo individual ao sustento e bem-estar de outras pessoas". Os presidentes devem buscar proteger esse fluxo de dinheiro e estão tentando que as comissões e custos das transferências sejam reduzidos drasticamente.

O compromisso oferece outros acordos gerais sobre a proteção dos migrantes e alguns tímidos avanços sobre a busca de acordos internacionais mais amplos e de cobertura mais efetiva, incluindo componentes de proteção trabalhista, bem como medidas especiais para mulheres, crianças e indígenas. Foi anunciada a convocação para um fórum ibero-americano sobre esse tema, em 2008.

As reuniões paralelas da sociedade civil apontaram no mesmo sentido. O II Encontro Cívico Ibero-Americano, em sua declaração "Um mundo sem muros por um desenvolvimento sustentável para todos e todas" coloca de maneira precisa os problemas com as migrações e reclama ações mais específicas, tais como a ratificação da Convenção Internacional sobre a Proteção dos Direitos de Todos os Trabalhadores Migratórios e de seus Familiares das Nações Unidas e sua regulamentação por parte de cada Estado.

A Cúpula presidencial também rejeitou o muro que Estados Unidos planeja construir na fronteira

com México. O ponto foi aludido por vários ministros e presidentes e a postura final significa um êxito para a presença de Vicente Fox.

Finalmente, os chefes de Estado aprovaram um total de 12 compromissos e declarações em diversos temas, desde a integração energética até o rechaço ao bloqueio de Estados Unidos sobre Cuba.

Apesar da ausência de vários presidentes, a Cúpula de Montevideu buscou dar um impulso a essa "família" ibero-americana. Nesse sentido, o governo da Espanha apresentou a idéia de um fundo regional para abordar a problemática da água potável e um sistema de bolsas de estudo. As iniciativas foram aprovadas e foi recomendado à secretaria permanente dessas cúpulas, em mãos de Enrique Iglesias (ex presidente do BID e ex chanceler do Uruguai), concretizá-las em planos de ação específicos.

Entre as questões que foram discutidas paralelamente, destacou-se a confirmação de que o rei da Espanha, Juan Carlos, atuará como "facilitador" no conflito entre a Argentina e o Uruguai pela instalação de uma planta de celulose na fronteira entre os dois países. A medida proposta pelo presidente argentino Néstor Kirchner, foi aceita pelo monarca espanhol e pelo governo uruguaio de Tabaré Vázquez. É uma boa notícia já que se espera reduzir a tensão entre os dois países, mas evidencia que o problema não pode ser resolvido no seio do Mercosul. Esse fato deixa o Brasil em uma posição incômoda, uma vez que acentua a ausência do presidente Lula na Cúpula. Por ora, a diplomacia do Itamaraty não participou ativamente do processo dessas cúpulas por perceber-las como um programa promovido desde Madrid e termina intervindo em uma região onde o Brasil tem pretensões de liderança. Porém, também é certo que o Brasil tem mantido ultimamente posições ambíguas dentro do espaço sul-americano.

Parece necessário esclarecer o papel das Cúpulas Ibero-Americanas e, em especial, as relações desta, em primeiro lugar com a OEA e com o Grupo do Rio; e, em segundo lugar, com os blocos regionais. Alguns presidentes estão enviando sinais de cansaço diante da sucessão de encontros presidenciais. Por exemplo, nos últimos meses, aconteceram as Cúpulas presidenciais ampliadas do Mercosul e da CAN e agora se avizinha a da Comunidade Sul-

Americana de Nações, em Cochabamba. OS encontros presidenciais têm muitas potencialidades positivas, porém, devem servir a programas de acordos concretos a partir dos quais deve ser aprofundado o caminho da integração. Por tanto, antes de aumentar o número de fóruns de discussão e concertação

política, parece ser necesario aprofundar os acordos de integração, com laços que sejam vinculantes, coordenações produtivas concretas e apostas para criar uma cidadania regional. [TOP](#)

Fonte: <http://www.adital.com.br/site/noticia.asp?lang=PT&cod=25330> - 07.11.06

Marrocos: Imigrantes ilegais abandonados no deserto de regresso a Melilla

Cerca de 200 imigrantes ilegais de origem subsahariana que foram abandonados pelas forças de segurança marroquinas numa área do deserto perto da fronteira com a Argélia, estão de regresso ao Norte de Marrocos, segundo testemunho da EFE.

As forças de segurança marroquinas expulsaram os imigrantes ilegais de origem subsahariana, acusando-os de assaltos maciços à vedação fronteiriça que separa Marrocos do enclave espanhol de Melilla.

Os imigrantes ilegais foram deixados, sem condições de subsistência, pelas forças de segurança marroquinas numa área do deserto junto da fronteira com a Argélia, a 600 quilómetros da cidade autónoma espanhola de Melilla, informa o testemunho da agência de notícias espanhola.

Outros 300 subsaharianos que estavam concentrados nas aldeias próximas da localidade marroquina de Bouanane, perto da mesma fronteira, partiram à procura de água e comida para sobreviver.

Estes imigrantes informaram que foram abandonados por forças de segurança marroquinas numa zona desértica fronteira entre Marrocos e a Argélia, e que se encontram a pé a caminho do interior do território marroquino.

Entre as localidades de Bounane e Bouarfa, separadas por 140 quilómetros de terreno semidesértico, grupos de imigrantes marcham penosamente de regresso a Melilla, para poderem sobreviver.

Um jovem do Mali explicou que há seis dias foram levados em autocarros e camionetas marroquinas até uma zona desértica situada na Argélia, oficialmente fechada desde 1994, onde não existe o mínimo de condições de vida.

Afirma que foi o abandono à sorte no deserto, sem água nem comida, que levou a que os subsaharianos partissem em caminhada pelas aldeias situadas nos arredores de Bouarfa, onde passam populações nômades que os ajudam.

A organização Médicos Sem Fronteiras (MSF) iniciou uma acção imediata e urgente de intervenção médica em Buafra. [TOP](#)

Fonte: <http://www.angolapress-angop.ao/> - 09.10.06

Vítimas da diferença

O medo tolhe muitas vezes a vontade de gritar a revolta e fazer queixa, mas, ainda que a conta-gotas, as denúncias vão chegando à Unidade de Apoio a Vítimas Imigrantes e de Discriminação Racial ou Étnica (UAVIDRE).

Janete Frazão

Imigrantes raptados/sequestrados: Imigrantes traficados/explorados no trabalho: 4; Imigrantes submetidos a comercialização humana/escravizados: 1; Imigrantes difamados/alvo de injúrias: 5; Imigrantes abusados sexualmente: 2; Imigrantes violados: 4; Imigrantes ameaçados: 27; Imigran-

tes racialmente discriminados: 8; Imigrantes mortos: 1.

A UAVIDRE nasceu em Maio de 2005, resultado de um acordo entre o Alto Comissário para as Migrações e Minorias Étnicas, Rui Marques, e a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima

(APAV), com o objectivo de prestar auxílio a estrangeiros residentes em Portugal que sofram qualquer tipo de crime. De Janeiro de 2006 até anteontem, inclusive, a UVIDRE recebeu um total de 143 queixas.

De acordo com Carla Amaral, gestora desta Unidade, o número é bastante mais significativo do que parece à primeira vista. “Estas pessoas vivem em situações de medo, desconfiança. Muitas não conhecem ninguém, não falam a nossa língua. Nestas circunstâncias, o simples facto de se deslocarem à unidade é um grande passo”, afirma.

Num relatório elaborado pela UVIDRE sobre registo de criminalidade nos imigrantes, entre Janeiro e Setembro de 2006, os crimes de violência doméstica lideram a lista de denúncias. De 315 queixas, 99 referem-se a maus tratos psíquicos, 87 a maus tratos físicos, 66 a ameaças/coacção, 55 a difamação/injúrias. Mais à frente aparecem os abusos sexuais e violações, em menor número. A maioria dos crimes tem a mão de agressores de nacionalidade portuguesa. “A questão está na vulnerabilidade das pessoas, na oportunidade de explorar quem está mais fragilizado”, diz Carla Amaral.

Os mais queixosos são os brasileiros, com 35,6 por cento das denúncias. A comunidade brasileira é a segunda mais representativa em Portugal, com 64 mil pessoas, a seguir à cabo-verdiana, com 68 mil.

'SOU ALVO DE INSULTOS VERBAIS CONSTANTES'

Rosângela Almeida, de 41 anos, em Portugal desde 1999, diz que as agressões verbais são constantes na vida de um imigrante brasileiro. “Já aconteceu várias vezes. Os insultos são um pouco de tudo, posso mesmo dizer que só ainda não fui vítima de violência física”, explicou a profissional de acção médica que tem autorização de residência e paga impostos como qualquer português.

“A última vez que fui insultada foi num elevador. Uma senhora, depois de eu a cumprimentar, percebeu que eu era brasileira e disse-me que o meu lugar era no Brasil, que em Portugal estava a roubar o emprego a um português”. A burocracia também não ajuda: “Para ir ao Centro

Itália prende grupo que seqüestrava imigrantes ilegais

Christian Fraser

de Atendimento ao Imigrante é necessário esperar à porta de madrugada para depois às 08h00 receber uma senha”, queixa-se.

OUTROS CASOS

DESEMPREGADOS

Dois imigrantes ucranianos ficaram desempregados e foram abandonados à própria sorte, no Cadaval, em Fevereiro passado. Enquanto esperaram pelo repatriamento, só não morreram à fome graças ao apoio da Santa Casa da Misericórdia e à população local.

MORTO À FOME

Em Agosto do ano passado, a história de Vasyly Lazarenko, de 51 anos, chocou a população de Torres Vedras. O ucraniano foi explorado no trabalho e, devido à sua situação de ilegalidade, foi abandonado. Tempos depois, acabou por morrer à fome. O seu corpo foi encontrado caído junto à barraca onde morava.

SEM DINHEIRO

Seis imigrantes de Leste viviam, em 2003, debaixo de um coreto em pleno centro de Braga. Fracos, por causa da fome, não tinham dinheiro nem um sítio onde morar. Todos se queixavam de terem sido explorados e, posteriormente, votados ao desemprego e ao abandono.

QUEBRA NA IMIGRAÇÃO

418 mil imigrantes vivem legalmente em Portugal, menos 42 mil do que em Dezembro passado.

68 mil cabo-verdianos vivem no nosso país. Mais três mil do que o previsto antes do estudo de renovação do SEF.

64 mil é o número actual de brasileiros a viver em Portugal, menos 11 mil do que na anterior estimativa.

43 mil ucranianos estão a viver em Portugal, uma quebra de 24 mil face à última contagem.

34 mil angolanos vivem legalmente em Portugal. Antes da contagem das renovações eram mais 2 mil.

15 mil são moldavos. Esta comunidade da Europa de Leste é a única que cresceu em Portugal. [TOP](#)

Fonte:

<http://www.correiomanha.pt/noticia.asp?id=216904&idCanal=10> - 06.10.06

A polícia da Itália disse nesta quarta-feira ter desmantelado uma quadrilha especializada no seqüestro de imigrantes ilegais que operava no sul do país, prendendo sete pessoas.

Depois de ajudar os imigrantes ilegais capturados pelas autoridades de imigração italianas a fugir dos centros de detenção na região, o bando voltava a prendê-los, dessa vez em edifícios abandonados.

As vítimas em geral eram imigrantes de Marrocos, Sudão e Eritreia que viajavam para se juntar a parentes que já estavam na Itália.

Após o seqüestro, eles só eram libertados mediante o pagamento, pelas suas famílias, de resgates que chegavam a até US\$ 800 (cerca de R\$ 1,6 mil).

Os sete detidos, todos sudaneses, foram presos na cidade de Crotone, na região da Calábria, onde funciona um dos maiores centros de detenção do país.

Bando maior

No entanto, a polícia italiana acredita que mais pessoas estivessem envolvidas na operação.

As autoridades foram informadas dos seqüestros pela família de um imigrante, que reclamou das "taxas" que estava sendo obrigado a pagar.

A imigração ilegal é considerado um problema grave na Itália, que recebe um enorme fluxo de pessoas que chegam ao país sem documentação.

Por isso, os centros de detenção italianos para imigrantes ilegais estão superlotados e freqüentemente são registradas fugas em massa.

A maior parte dos fugitivos acaba entrando no mercado ilegal de trabalho na Itália. [TOP](#)

Fonte:

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/bbc/ult272u59104.shtml> - 06.12.06

Tráfico de mulheres fez 100 mil vítimas na AL e no Caribe em 2006

O tráfico de mulheres gera receitas anuais de US\$ 32 bilhões no mundo todo, e 85% desse dinheiro vem da exploração sexual, que só na América Latina e no Caribe fez 100 mil vítimas em 2006.

São dados de um relatório da Organização Internacional de Migrações (OIM), fornecido pelo diretor regional do Cone Sul do órgão, Eugenio Ambrosi, que declarou que uma mulher pode ser "vendida" para uma rede de exploração sexual por entre US\$ 100 e US\$ 1.600.

As vítimas das organizações que traficam pessoas para obrigá-las a exercer a prostituição geram um lucro líquido de US\$ 13 mil para seus exploradores, disse o funcionário italiano.

O estudo da OIM, que se concentrou na Argentina, no Chile e no Uruguai, revela que as vítimas costumam ser mulheres de classe social baixa, que vivem em um ambiente de marginalidade, com um entorno familiar instável, além do precário nível educacional. Assim, com pequenas possibilidades de trabalho, essas mulheres estão predispostas a migrar e cair em diferentes esquemas.

Há muitos ganchos para atrair estas mulheres, mas na maioria das vezes, são outras mulheres, ligadas de alguma maneira com o âmbito familiar da vítima, e que têm a confiança da vítima, como vizinhas ou até mesmo membros da própria família, que apresentam uma oferta de emprego bem remunerada no exterior, ou em seu país, mas longe da família.

Os captadores também recorrem a táticas como a publicação de anúncios, nos quais o trabalho a desenvolver não está claramente especificado, testes de elenco para trabalhar no mundo da publicidade, ou como modelos, e até seqüestros.

Na maioria dos casos, os "contratantes" se encarregam das despesas da viagem. Assim, quando as mulheres chegam a seu destino, já têm uma dívida contraída.

Abusos

Ambrosi destacou que as vítimas do tráfico de mulheres podem se transformar em captadoras ou exploradoras, seja por coação ou como resultado dos abusos sofridos, e que pelo menos 50% das mulheres não têm consciência da sua condição de vítima.

Além dos agentes diretos, o tráfico também conta com a intervenção dos secundários, como motoristas de táxis, funcionários públicos, policiais, juízes e políticos, que colaboram implicitamente ou que, com sua indiferença, tornam possível este tipo de prática.

A relevância de algumas das figuras envolvidas no processo dificulta a declaração das vítimas e a interposição de denúncias, e atualmente não existe um sistema de proteção para estas na Argentina, no Chile e no Uruguai, porque esta prática não é considerada um crime. Por isso, os exploradores têm que ser julgados por outras causas.

O tráfico sexual de pessoas na Argentina registrou 47 casos penais durante 2006, dos quais 30% corresponderam a menores de idade e, entre 50% e 60%, a mulheres de 18 a 24 anos.

Além disso, foram registradas 400 denúncias de desaparecimento durante o ano passado, dentre as quais a maioria corresponde ao perfil das mulheres seqüestradas para o tráfico sexual.

Países

O relatório revela que a Província de Tucumán (nordeste da Argentina) é onde mais se recorre ao seqüestro para o recrutamento.

A Argentina, onde o predomínio é do tráfico interno, também é um país de passagem de mulheres latino-americanas para a Europa, e um receptor de dominicanas e paraguaias, destacou Ambrosi.

Cerca de 52% dos 118 casos de paraguaias vítimas do tráfico sexual analisadas pela OIM em 2005 tiveram a Argentina como destino final.

Em 2006, o Chile foi o país de destino para 40% de mulheres argentinas, 25% de peruanas, 24% de colombianas, 5% de chinesas e 2% de dominicanas, brasileiras e equatorianas.

O estudo também revela que o Uruguai não é um país de destino de vítimas do tráfico com fins de exploração sexual, embora alguns casos de mulheres argentinas e brasileiras tenham sido registrados. No entanto, o Uruguai é um exportador para países como Espanha e Itália e, em menor escala, para Argentina e Alemanha.

[TOP](#)

Fonte:

<http://www1.folha.uol.com.br/foha/mundo/ult94u104377.shtml>
! - 04.02.07

Brincadeira do "imigrante ilegal" gera críticas em Nova York

Um grupo de estudantes da Universidade de Nova York está sendo criticado por ter organizado uma brincadeira em que as pessoas teriam que encontrar, em meio a uma multidão, um imigrante ilegal escondido.

Na brincadeira, que seria realizada nesta quinta-feira no parque Washington Square de Nova York, os participantes deveriam assumir o papel de fiscais da imigração e tentar encontrar um estudante com um crachá que o identificaria como "imigrante ilegal".

De acordo com o jornal "New York Daily News", os organizadores do evento – estudantes da universidade e membros de um clube de simpatizantes do Partido Republicano – foram "bombardeados" com e-mails que dizem que o passatempo é "racista" e "nojento".

Segundo o jornal, 600 estudantes iriam realizar um protesto contra a brincadeira.

"Precisamos mostrar que esse tipo de ação racista é completamente inaceitável", diz uma mensagem dos organizadores do protesto em um site de recados para estudantes da Universidade.

"Não é um evento racista, em primeiro lugar", disse ao jornal Sarah Chambers, presidente do clube. "Nós não somos racistas só porque não queremos que imigrantes ilegais possam ignorar completamente as leis de nosso país."

Chambers, porém, admitiu que a brincadeira é provocadora e tem o objetivo de chamar a atenção para a questão da imigração ilegal, estimulando o debate sobre o assunto.

Na brincadeira, o aluno que encontra o "imigrante ilegal" (na verdade, um membro do clube republicano), ganha um vale-brinde de US\$ 50.

[TOP](#)

Fonte:

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/bbc/ult272u61175.shtml> -

22.02.07

Brasil investiga prisão e maus-tratos de brasileiros nas Bahamas

Andrea Murta

Um grupo de 12 brasileiros e um holandês radicado no Brasil foi detido e submetido a maus-tratos em Nassau, nas Bahamas, ao tentar visitar o país para praticar mergulho, segundo membros do grupo que relataram o caso à Embaixada do Brasil em Cuba.

Os brasileiros, que chegaram ao Brasil nesta quinta-feira, afirmam que foram enviados a um centro de detenção para imigrantes ilegais das Bahamas, onde permaneceram por cerca de 20 horas sem comida ou água, e sofreram extorsões por parte dos policiais em Nassau.

"Não entendemos até agora o que aconteceu. Não havia nada irregular em nossa viagem e a única explicação que recebemos para a detenção foi a de que éramos brasileiros", afirmou à Folha Online, por telefone, de Belém, o empresário Ricardo Unger, 44, um dos membros do grupo. Oficialmente, brasileiros não precisam de visto de turismo para viajar às Bahamas.

Unger disse que pratica mergulho há cerca de três anos e que o grupo que foi detido --composto por seis homens, um dos quais é instrutor de mergulho, e sete mulheres-- viaja constantemente em busca de praias para praticar o esporte. Segundo ele, a viagem começou em Havana (Cuba) e deveria incluir três dias em Nassau, onde desembarcaram no último domingo (25).

Ao chegarem ao aeroporto de Nassau os brasileiros foram barrados por oficiais do controle de imigração local. Unger afirma que apenas os homens foram algemados sem qualquer explicação por parte das autoridades e que todos foram enviados para o que ele classifica de "uma espécie de campo de concentração", onde ficaram até a tarde do dia seguinte (26) presos em galpões. As mulheres do grupo foram mantidas em um galpão separado.

Extorsão

Após quase 20 horas sem acesso a água ou comida e sem poder entrar em contato com o Brasil, o grupo foi levado ao aeroporto em

Nassau e embarcado em um voo de volta a Havana, segundo Unger.

O empresário afirma ainda que, no aeroporto, um policial confiscou todo o dinheiro que os brasileiros tinham nas carteiras. "Não levamos nossas coisas nem tiramos o dinheiro que tínhamos escondido, mas tivemos de abrir nossas carteiras e o policial tirou todos os dólares que encontrou". Unger disse que não compreendeu a explicação do policial para o confisco.

Em Cuba, a Embaixada do Brasil recebeu uma reclamação do grupo e redigiu um relatório enviado ao Ministério das Relações Exteriores em Brasília. A embaixada em Havana informou que apesar de ter oferecido apoio e orientação ao grupo, não tem jurisdição para atuar nas Bahamas.

A representação diplomática brasileira em Havana afirmou ainda que as Bahamas têm a prerrogativa de impedir a entrada de cidadãos estrangeiros, mas que, se confirmados, maus-tratos e extorsão são atos irregulares.

Trauma

Unger afirma que a prisão foi um ato de preconceito contra brasileiros. "Há várias pessoas no grupo que estão traumatizadas. Minha mulher acorda chorando", diz o empresário.

Ele diz acreditar que sua integridade física só não foi ameaçada porque o grupo era numeroso. "Os policiais do centro de detenção passaram a noite engatilhando suas armas e dizendo que estávamos ali porque somos brasileiros", relata.

No Brasil, o Ministério das Relações Exteriores informou que recebeu um pedido de averiguação do caso na última terça-feira (27) por parte de um dos familiares dos brasileiros, que relatou às autoridades o ocorrido. No mesmo dia, o ministério solicitou notícias sobre o caso à embaixada em Cuba.

O relatório enviado pela embaixada em Havana ainda não foi analisado pelo Itamaraty. Antes que uma resposta pudesse ser dada para o caso, os

brasileiros retornaram ao país. "Ainda não entramos em contato com o Itamaraty por falta de tempo", disse Unger.

A divisão de assistência consular do Itamaraty afirmou que espera um contato do grupo. O Brasil não possui embaixada nas Bahamas, mas já há um representante brasileiro naquele país que instalará a representação. O representante foi informado da detenção dos mergulhadores e está investigando o caso, segundo Brasília.

Caso a detenção e os maus-tratos sejam confirmados, o máximo que poderá ser feito pelo

ministério é o envio de um comunicado oficial para as Bahamas para expressar a preocupação do Brasil com relação à recepção de seus cidadãos.

Procurados pela Folha Online, o Ministério das Relações Exteriores das Bahamas e o escritório da imigração do país no aeroporto de Nassau não comentaram o caso. [TOP](#)

Fonte:

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u105129.shtml>
! - 02.03.07

Em Berlim, aumenta a violência dos jovens oriundos da imigração

Bairros da capital vêm se transformando em guetos que lembram certos subúrbios franceses
Cécile Calla - correspondente na Alemanha

Quando considerado do ponto de vista de um visitante, o Neukölln em nada se compara com os subúrbios franceses em dificuldade, com a exceção de uma importante população de origem estrangeira: as suas ruas são animadas por um grande número de comércios turcos ou árabes; há prédios burgueses que alternam com construções dos anos 1970, e pracinhas para crianças. Contudo, este bairro popular, situado ao sul de Berlim, aparece constantemente no noticiário em matéria de delinquência juvenil.

No Neukölln ou, mais ao norte, em Wedding, e até mesmo em certos setores de Tiergarten e de Schöneberg, a violência perpetrada por menores tomou tais proporções que alguns especialistas já andam alertando o governo e a população. Um deles é o juiz para a criança Günter Räcke. "Nós estamos vendo menores cada vez mais violentos e cada vez mais novos, sendo que alguns deles não têm mais de 11 ou 12 anos", sublinha. Ele também acrescenta que "um simples olhar ou um boato são suficientes para provocar uma briga". Além disso, certo racismo antialemão se desenvolve nessas zonas sensíveis. Segundo o juiz, "insultos tais como 'comedores de porco' ou 'cristãos salafrários' começaram a aparecer nos últimos anos".

Estatísticas recentes confirmam as declarações do juiz. Segundo números que não foram tornados públicos oficialmente, mas citados por vários veículos de comunicação, a delinquência juvenil em grupo teria aumentado em mais de 5%

em 2006 na capital alemã. Mais grave ainda, a utilização de armas teria aumentado em 31%. Entre os jovens que estão envolvidos nesses delitos, muitos são oriundos da imigração e vivem nessas zonas, enfrentando grandes dificuldades.

Na escola, a evolução revela ser ainda mais preocupante. Segundo um estudo que foi publicado pelo Senado de Berlim em dezembro de 2006, os atos de violência declarados pelos estabelecimentos tiveram um crescimento brutal, de 76%, no decorrer do ano escolar de 2005-2006.

Nesses bairros corroídos pelo desemprego e o fracasso escolar, "parece que certas regras fundamentais da vida em sociedade caducaram", analisa Günter Räcke. "Nós estamos hoje numa situação equivalente àquela dos subúrbios quentes franceses há dez anos", confirma Gilles Duhem, um francês que trabalhou até 2006 como assistente social no Neukölln.

Esta situação foi revelada ao grande público em março de 2006, quando uma escola do Neukölln fez um apelo desesperado à prefeitura diante da multiplicação dos atos de violência dentro do estabelecimento. Este acabou se tornando o símbolo do fracasso da política alemã de integração.

Para enfrentar a situação, o ministério público de Berlim havia implantado em 2003 uma seção especial para os menores delinquentes muitas vezes reincidentes, aqueles que contam ao

menos dez delitos na sua ficha de antecedentes. Recentemente, a prefeitura estendeu este dispositivo aos menores responsáveis de ao menos cinco delitos, com o objetivo de agir de maneira mais ativa no meio-ambiente do delinqüente. Participam desta operação a polícia, os docentes e os trabalhadores sociais.

Na escola Anna Siemsen, ao sul do Neukölln, na qual jovens de 13 a 16 anos são escolarizados, a diretora do estabelecimento, Renate Lecke, obriga os alunos a participarem de um seminário contra a violência. É preciso "recorrer a certa disciplina, caso contrário os jovens consideram isso como uma fraqueza", explica a professora Lecke.

Por sua vez, Gilles Duhem estima que "é preciso impor as regras do Estado de direito". E, para começar, fazer com que a escola obrigatória seja respeitada. A taxa de não-comparecimento às aulas não parou de aumentar nos últimos anos. Na escola Anna Siemsen, 11% dos alunos estão regularmente ausentes. Um fenômeno que está na raiz de todos os problemas, segundo afirmam os docentes.

Na Alemanha, um em cada cinco jovens de origem estrangeira sai da escola sem nenhum diploma. "Nós não temos um problema de integração; o que temos é um problema de formação", sublinha Gilles Duhem. Esta situação pode ser explicada em grande parte pelo domínio limitado da língua alemã.

A exemplo do que ocorre no resto do país, muitos imigrantes do Neukölln não falam o alemão, ou muito pouco. A transformação dos bairros em guetos, com uma ampla infra-estrutura de serviços em língua turca ou árabe (supermercados, agências de viagem, cabeleireiros...), contribui para este fenômeno.

Para os jovens os mais difíceis, o juiz Räcké propõe implantar centros fechados, a exemplo do que já vem sendo feito em Hamburgo, na Bavária ou no Brandeburgo. Por enquanto, a prefeitura de Berlim recusa de maneira categórica esta solução e aposta numa melhor coordenação entre a polícia e os serviços sociais. [TOP](#)

Tradução: Jean-Yves de Neufville

Fonte:
<http://noticias.uol.com.br/midiaglobal/lemonde/2007/03/16/ult580u2405.jhtm> - 16.03.07

Somalis paying for their trading skill in Cape Town

Dave Marrs

President Thabo Mbeki's recent speech to the United Nations General Assembly, in which he castigated rich nations for holding back global growth through their "unequal relationship" with poor countries, was well received, both internationally and back home.

"Something is indeed wrong when all these poor people try desperately to reach countries where they believe the conditions of their existence would improve, only to meet hostile, and at times barbaric, receptions," Mbeki said.

He was referring to first world countries that are coming under pressure from their electorates to tighten border controls and limit the number of immigrants, but it may as well have been Cape Town he had in mind. Here, Somali refugees know all about hostile, and at times barbaric, receptions.

Scores of the east Africans have been killed over the past several weeks in what community leaders insist is a co-ordinated xenophobic campaign to drive them out of Cape Town's townships. Somalis have become an established part of the city's informal commercial structure in recent years, both as pavement traders in the city and as operators of spaza shops in informal settlements.

It seems they are rather too good at what they do. While provincial police commissioner Mzwandile Petros says there is no evidence of an orchestrated targeting of Somalis, the evidence does not bear this out. Over 30 deaths this year and the entire Somali population of Masiphumelele, near Kommetjie on the Cape Peninsula, were chased away and their businesses ransacked.

I asked a Masiphumelele resident I know whether there was ill-feeling in the community towards Somalis per se, and foreigners in general. The answer I got was encouraging on one level, but depressing on another. The people of the township get on well with the Somalis, she said, because they keep to themselves and do not drink or make trouble. In fact, ordinary people want them to come back and reopen their shops because their prices are low.

The problem lies with the established local shopkeepers, who are used to deriving both income and status from their position in society. The first couple of Somali-owned shops were tolerated, but when the number swelled and the locals were losing customers, they paid local thugs to beat the Somalis up and steal their goods.

So the driving force does not appear to be xenophobia. Other African ethnic groups live in Masiphumelele without any serious conflict, other Muslims go about their business without interference, and local coloured and white families have made their homes there from time to time. The attacks are not motivated by a specific hatred of Somalis but by frustration at the fact that they are more skilled shopkeepers.

This situation is not unique to SA. Variations on the theme have played out around the world, wherever vested interests are threatened and law enforcement is lax. The next step is usually protection rackets, where the interlopers learn they cannot depend on the police for protection and the only way to survive is to pay off the thugs and refrain from competing so hard.

It is a sad reflection on South African society, but hardly unexpected given the levels of

unemployment and illiteracy. Encouraging entrepreneurship is all very well, but the will to open a business is not enough without basic commercial skills and an understanding that competition is an integral part of the system.

The African National Congress's (ANC's) bid to tilt the balance of power in its favour by forcing the Cape Town metro council to change to an executive committee system of government just gets curiouser and curiouser.

No sooner had provincial local government MEC Richard Dyantyi made his move, which coincided with alliance partner the Congress of South African Trade Unions (Cosatu) telling the ANC its fortune during its national conference in Midrand, than Cosatu affiliate the South African Clothing and Textile Workers Union came out in firm opposition. That was followed by Cosatu provincial secretary Tony Ehrenreich telling the local media the move raised "ethical questions".

But someone clearly had a word in his ear, because a couple of days later changing the system of government was suddenly "a necessary step to ensure inclusivity". And the Independent Democrats, who have supported the committee system all along because it would give them the balance of power they have long coveted, were offering to support mayor Helen Zille's legal challenge to Dyantyi's move.

The law obliges Dyantyi to consult the city council, among other interested parties, before publishing his final decision in the provincial gazette towards the end of the month. It promises to be an eventful few weeks. [TOP](#)

Fonte:
<http://www.businessday.co.za/articles/topstories.aspx?ID=BD4A281210> - 02.10.06

China guards clash with border crossers

China said Thursday that soldiers posted near its border with Nepal clashed with some 70 people attempting to flee the country, killing one person on the spot and injuring two others, including one who died later of altitude sickness.

The official Xinhua News Agency said the clash occurred on Sept. 30 — the same day that foreign climbers and human rights groups allege that Chinese border guards opened fire on dozens of

unarmed Tibetan refugees as they tried to flee Chinese-ruled Tibet, killing at least one. The different accounts appeared to be about the same incident.

The Xinhua report said that the people trying to cross the border attacked the soldiers, who were then "forced to defend themselves." It did not say if the people trying to cross the border were

Tibetan, whether they were armed, or give other details.

Accounts of the incident by rights groups drew a protest Thursday from the U.S. government. U.S. Ambassador to China, Clark Randt, went to the Chinese Foreign Ministry Thursday to "protest China's treatment of the refugees" in the incident, embassy spokeswoman Susan Stevenson said.

Chinese Foreign Ministry spokesman Liu Jianchao had earlier Thursday denied knowledge of the shootings, but said that if the news reports about it were true, Chinese authorities would investigate.

Initial accounts of the shooting came from Western mountaineers climbing the Himalayan peak Cho Oyu from the Chinese side. Those accounts, posted on mountaineering websites, said they saw border guards open fire on Tibetans trying to cross the 5,700-meter (18,750-foot) Nanga La pass into Nepal on Sept. 30.

A Nepal-based Tibetan exile group, the Tibet Refugee Center, said last week that two Tibetans

were killed and several wounded, citing accounts from some of the 42 who made the crossing. Another group, the Washington-based International Campaign for Tibet, said that one person was killed and that Chinese soldiers later took 10 to 12 Tibetan children from the group into custody.

Every year, hundreds of Tibetan refugees trek for days through forbidding terrain to leave Chinese-ruled Tibet. Some leave to make pilgrimages to see the Dalai Lama, the spiritual leader of Tibetan Buddhism who lives in exile in India. Others leave to obtain a proper monastic education, something increasingly difficult as China has tightened control over religion.

While refugees have been shot at along the border in the past, a spokesman for the Tibet Refugee Center, Lhundup Dorjee, said last week this was the first time in recent years that troops had killed any. [TOP](#)

Fonte: http://www.usatoday.com/news/world/2006-10-12-china-border_x.htm - 12.10.06

Blacks, Latinos in the South: Cooperation or confrontation?

Giovanna Dell'Orto

Rumors of racial hatred swirled around the small farm town of Tifton, Ga., last fall after four blacks were arrested in the deadly robberies of six Mexican immigrants. In a single night at different trailer parks, the men were shot and beaten to death with a baseball bat as they slept.

Community leaders — the white police chief, the Hispanic priest of the Roman Catholic church, the local president of the National Association for the Advancement of Colored People — quickly stepped in to maintain peace. They called these crimes of opportunity, saying theft not racism was behind them. Still, they conceded the community was far from integrated.

"We've just never been friends and buddies," said Isabella Brooks, the president of the NAACP in Colquitt County, near Tifton. She said she has no white neighbors and doesn't socialize with the Hispanics up the street because of the language barrier.

The nation's two largest minority groups are sorting out whether their relations will be driven by

competition and mistrust or a common bond, a joint effort to close persistent gaps between whites and minorities. In no region is the tension more clear than in the South.

"The Hispanic presence changes the dynamic of the South, which has always been viewed as white and black," said William Ferris of the Center for the Study of the American South at the University of North Carolina.

Advocacy groups from the NAACP to the National Council of La Raza argue that Hispanics, especially immigrants struggling for legislative reform, find the perfect ally and model in blacks and their history of fighting for equal rights.

Hispanics have passed blacks as the largest U.S. minority group at 14.5% of the population compared with blacks at 12.1%, according to the Census Bureau. (It counts Hispanics as people of any race whose ethnic background is in Spanish-speaking countries.)

While blacks are still more numerous in the Southeast, except for Florida, a rush of immigrants from Spanish-speaking countries is changing racial interaction across the region. Several Southern states now lead the nation in the growth of Hispanic residents and illegal immigrants.

In places like Houston and Los Angeles, where blacks and Hispanics have long lived side-by-side, the two groups most often fight for jobs, notably low-income jobs that were often held by unskilled black workers.

An April 2006 Pew Research Center poll showed that more blacks than whites said they or a family member had lost a job or never got it because an employer hired an immigrant worker.

"When you get down to the nitty-gritty worker, the antagonism still exists, while politicians talk about common areas and agendas," said Nicolas Vaca, author of *"The Presumed Alliance: The Unspoken Conflict Between Latinos and Blacks and What It Means for America."*

That animosity endures in the South, where anti-immigrant groups argue that Hispanic newcomers are willing to accept wages that others won't. Many Southern employers, especially farmers, however, say that there simply aren't enough local workers to harvest their peaches and pluck their chickens.

Is the job argument simply a new version of the "racial baiting" behind historic white-on-black discrimination in the South? Yes, said race relations historian John Inscoe, it's all too easy to stir up racial or ethnic mistrust in poor people who feel outnumbered in the fight for survival.

Census figures show that across 11 Southern states, foreign-born Hispanics have a substantially lower unemployment rate than blacks — less than 5%, compared to more than 9% for blacks in 2004 — and earn more; their median household income of \$33,765 in 2005 was nearly 10% higher than that of blacks.

Further, research has found blacks feel threatened beyond the workplace by the influx of Hispanics in the South. Of the three metropolitan areas with booming immigrant populations surveyed in a study related to the April Pew poll, it's only in the Southern one — Raleigh-Durham, N.C. — that a solid majority of blacks favors cutting back on legal immigration.

But some say it's precisely because of the history of strained race relations in the South, where institutional segregation was painfully dismantled, that the region can help integrate another community into the American mainstream.

"There's a very natural linkage between the African-American and the Hispanic communities," said NAACP President Bruce Gordon. "There's a conscious effort to create animosity between African-Americans and Hispanics that takes our eye off the ball. There's an advantage to coalition, and we should find a way to take advantage of this opportunity."

Angela Arboleda of La Raza agrees, though she notes black leaders have not always embraced the notion of solidarity among minorities, citing as an example New Orleans Mayor Ray Nagin's comment that he feared that city would be "overrun by Mexican workers" during reconstruction after Hurricane Katrina.

In Georgia — home to many black leaders, one of the fastest-growing illegal immigrant populations, and some of the nation's most stringent immigration laws — the growing pains in the developing black-Hispanic relationship have been acute.

"Both sides (blacks and whites) are waiting to see if Latinos will define themselves as black or white," said Dana White, a professor at Emory University who has written about the South. Since skin color is still a defining issue in race relations, and most Hispanics in the U.S. are white, some argue that rather than joining a coalition of minorities Hispanics will close ranks with white Americans and further marginalize blacks.

In 2001, black Georgia lawmakers fought legislation making Hispanic businesses eligible for a state program designed to bolster minority enterprises, arguing it would weaken the state's goal of helping black businesses.

However, last April some black leaders spoke of a shared cause against discrimination at a pro-immigration rally in Atlanta that drew 50,000 people, the kind of street demonstration typical of the civil rights movement defined by Atlanta son Martin Luther King Jr.

And it was in a majority-black county just outside Atlanta that Georgia's first bilingual public school, Unidos Dual Language Charter School, opened in August.

Yolanda Hood, who's black, enrolled her 5-year-old son in the school even though some relatives feared his English could be compromised.

"We're more sensitive to the plight of Hispanics just because we dealt with so many prejudices," she said, explaining that her own educational experience influenced her decision. "I went to a predominantly black school, then a predominantly white college and it was a shock to me — I didn't want my son to have that."

Overcoming mistrust and misunderstandings will take time, experts say.

After the attacks in Tifton, even though they were not officially termed hate crimes, the U.S. Justice Department sent peacemakers to ease tensions, and police stepped up patrols to quell rumors of blacks terrorizing Hispanic neighborhoods.

"Sometimes I think it was some kind of racism," said Tereso Rodriguez, who was assaulted by a

black man shortly before the deadly attacks. "I met a man with his jaw and teeth taken out. If it were only stealing, there'd be no need to hit us so much."

Vaca, the author, says basic attitudes differ between the minority communities. Blacks tend to see their historic struggles against slavery and discrimination as giving them an entitlement they don't feel Hispanic immigrants have a right to share, he said, while foreign-born Hispanics know less about black struggles and tend to feel blacks are owed nothing.

Ultimately, people on the front lines like Brooks, the NAACP president, ask a question that's not as simple as it sounds: "What can we do to connect?" [TOP](#)

Fonte: http://www.usatoday.com/news/nation/2006-11-04-minorities-south_x.htm - 04.11.06

Security Officials Promote Integration as Crime Prevention

German security officials agree that Germany is still a potential target of terrorist attacks and that something should be done about illegal immigration.

"Due to its prominent profile in foreign and security policy, Germany is becoming more and more a target of terrorist attacks," said Ernst Uhrlau, president of the German Intelligence Service (BND) on Thursday in Wiesbaden.

Speaking at the closing of a three-day conference hosted by the Federal Criminal Police Office (BKA), Uhrlau said that legal immigration represents a large problem in preventing terrorist attacks. He referred to a study indicating that only 6 percent of the alleged terrorists currently under investigation had immigrated illegally to the target country.

Second and third generation immigrants are often interesting to terrorist groups because they are less conspicuous and speak the language of the target country.

"It will be essential to win the minds and hearts of the Muslims to prevent them from becoming vulnerable to an intolerant, extremist and hate-filled world view," Uhrlau said.

Integration as crime prevention

In his closing speech at the conference, BKA president Jörg Ziercke agreed that non-integrated immigrants are more susceptible to the appeals of religiously motivated terrorists.

"Successful integration is the best crime prevention method," said Ziercke, adding the police must increase their intercultural competency to better function in a diverse society.

At the same time, he warned that immigration should not be equated with criminality.

European Commissioner for Security and Justice Franco Frattini, who also spoke at the conference, said that Europe needed immigrants -- both well-qualified specialists and seasonal laborers -- but added that fighting illegal immigration is a high priority for the EU.

"We need a unified European immigration policy" that takes into account the immigrants already living in Europe, said the commissioner. [TOP](#)

Fonte: <http://www.dw-world.de> - 17.11.06

The train to America

Each year thousands of Central American migrants risk their lives riding 'The Beast', a 1km-long freight train that takes them towards the US border. Sandra Jordan accompanied one group as they ran the gauntlet of armed gangsters in search of a new life
Sandra Jordan

There is a white cross by the Suichate river, in the town of Tecún Umán, dedicated to those who have died trying to get from Guatemala into Mexico. The river crossing is the first leg of the journey that Central American migrants call la pesadilla Mexicana - the Mexican nightmare.

Young lads walk across the river, chest deep, pulling rafts of chipboard strapped to inner tubes. Among the groceries, weapons and illegal drugs, the rafts carry human cargoes - illegal immigrants from Central America making their way to the United States. Those who can't afford the fare wade across themselves; when the river is high and the current is strong, many are swept away.

Said and his wife, Eugenia, paid a dollar each to cross the Suichate, perched on a wobbling raft. Travelling by mini-bus and on foot, they then eluded Mexican police checkpoints across Chiapas state. And now, in the town of Arriaga, 300 km from the border, they are waiting with dozens of others to begin the next leg of their journey north.

"We're waiting for the train," Said explains. "We call it La Bestia - the beast. It's the three-eyed beast because it's got three big old lights on the front. It's a beast because it kills. Last time I rode it, I saw it slice a 16-year-old girl in two."

These are freight, not passenger trains, says a Salvadoran named Carlos. "The trains are for the poorest people. We have to jump on board and steal a ride. The most dangerous thing is the gangs - they will jump on board and kill you to rob you."

The migrants are staying in the Casa del Migrante, a shelter run by the Catholic church. Speaking English with a southern American drawl, Said, 25, points to a map on the wall. His finger trails from Arriaga up the length of the map to the US border - a couple of thousand miles, as the crow flies. The freight trains take a more meandering route.

"We've got to cross all that to get to Texas," he says. "That's my country over there. Houston Texas, that's my home. This ain't my country."

Said was born in Guatemala but had lived in the US since the age of three. Ask him to sing the national anthem and he can belt out the Star Spangled Banner. He doesn't know the words to Guatemala's anthem. He was a US resident until he was convicted for drinking and driving - "two, three times", he admits. Since then, he insists, he has "straightened out" and had no choice but to return to the US. "I was deported to 'our country', but I ain't got no family in 'my country.'"

Eugenia, 27, a Salvadoran, was deported from the US for working without proper papers. The couple are returning to Houston to be reunited with their four-year-old son, Said Jr. He is living with Said's mother and has never stopped asking where his parents have gone. "He's too young to understand," says Eugenia. "Every I speak to him on the phone, he asks: 'Mami, do the police have you?'"

Marbella, a Honduran, is listening. She used to live in Los Angeles. Like Eugenia, she had been deported for being an illegal immigrant. It didn't matter that she had made her life in California. "I've left behind three babies, three US citizens," she says.

The hostel gives migrants free food and a bed for three days at most. This is Said and Eugenia's third day, and there is still no sign of a train - the train companies keep the timetable secret as they don't want unauthorised passengers.

The hostel's 60 beds are full and there are queues for the two bathrooms. Some people are sleeping on the floor.

Most are leaving Central America because of poverty and violence. Those lucky enough to get jobs in their home countries might earn only \$2-\$3 for 12-hour days as builders, plasterers, farm hands. Lionel, 17, is fleeing El Salvador because gangs had threatened him with a hand grenade. He wants to reach Virginia, where his sister lives, to become a painter.

The youngest is 16-year-old Fernanda, a Guatemalan. A single mother, she had left her six-month-old son with a sister and was going to

America to get a job. "She didn't come back to the hostel last night," one of the migrants confides. "We think she's on the game."

As night falls, the police deliver a new arrival, Hector, 39, from Guatemala. He had been released from hospital and the authorities didn't know what to do with him. Two months earlier he had fallen from a freight train and lost a leg. He hobbles in on improvised crutches - a chair leg and a branch. "I have a wife and three children in Guatemala," he whispers, "but I can't tell them what's happened to me. I can't go home like this." He has one thing to say to Said and the others. "Friends," he urges, "I beg you to turn back. Don't get the train. I don't want the same thing to happen to you." No one speaks. Said looks at the ground.

In the morning, Said and Eugenia move from the hostel to the train tracks. They have run out of time at the hostel, and the stress and boredom of waiting is getting to them.

By now the migrants have formed groups. Said, who has ridden the trains before, has become a leader. "People helped me to make this journey before," he says. "Now it's my turn." There are about 20 in his group.

Two days later the train finally arrives. Said requisitions a wagon, and instructs his group to climb on to the top. Others - including Fernanda and Marbella - force open wagon doors and scramble inside. Not a good idea, says Said: "Those doors close, they're gonna suffocate."

Said has coached his group not to be nervous. "Let me tell you something about the train," he warns. "If you're afraid of the train, the train gonna kill you."

It is 10 at night. The locomotive shunts back and over the tracks, collecting wagons full of gravel, sand and oil. It takes hours to assemble the kilometre-long train. Hundreds of migrants run from the shadows to claim their places; Eugenia ties herself on to a narrow platform above the wheels. "I'm really scared," she says, when Said is out of earshot.

The train pulls out of Arriaga with a roar, Said and his group on the last carriage. Now they are moving, there is no going back. If someone falls under the wheels, the train will not stop.

Rain begins to pour, and the migrants make capes of refuse sacks. Said stands guard between two carriages, poised to fight off anyone who might attack the train. There are the maras to worry about - the gangs who rob, rape and kill - but the worst assailants, he says, are the "hillbillies" armed with AK 47s and machetes. He had met them on this route before: "Last year I got robbed. They hit me with machetes, nine times on my back and they robbed all my money."

There are some 30 people perched on the roof of the wagon. Mitchell, a Guatemalan, passes a machete to the group at the end of the train, a bunch of timid young Guatemalans, including a 12-year-old girl. "It's for self-defence," he says. "If anyone tries to jump on this wagon, we have to fight them off."

Forty-five minutes into the journey, the train reaches a swamp. There are voices below, people running alongside. Said shines a torch through the bushes. Maras? Hillbillies? The machetes are brandished at the front and rear of the wagon. "If they climb up here, you have to kick them down," comes the message. "It's them or us."

Down by the wheels, Said kicks people away as they try to scramble on board. Then the train picks up speed, leaving those disembodied voices behind. Now there are just the branches and rain to contend with, and the staggering side-to-side movement that threatens to unseat and hurl you under the wheels. As for the roar of the train - like a monster from a horror film - it doesn't kill, but you know why this is called "the beast". There are, though, moments of calm - "Aren't the stars beautiful tonight?" asks Mitchell.

Said climbs on to the roof to make sure that everyone is all right. He sits down and lights a cigarette. "Some of us survive, some of us don't," he says. "Some of us die, some of us make it. Of this whole group here on this train right now, not all of us is gonna make it. Two, three of us is gonna make it."

As the train travels further into swamplands, it sinks lower, clanking and struggling onwards. The sleepers are melting into the mud. Dawn is coming. Then the train goes backwards, shunting with almighty force. It stops - in the middle of a double rainbow, right in the centre of the arc. All around is a tropical paradise, full of mango trees and yellow birds. The men pee over the side. The

locomotive has derailed. Luckily, the rest of the wagons have stayed on the tracks. The journey to Ixtapac, which can be done in nine hours, takes almost 24.

And that is Said and Eugenia's first night on the train. There are another 15 to come. When they reach the US, they get lost in the desert for seven days, running from border patrols and vigilantes. But they make it. They are now in Texas with Said

Jr, preparing for Christmas. If Said gets caught, he will go to prison and then be deported again. He will also make his way back to the US again. "They ain't never gonna stop us," he says. [TOP](#)

Fonte:
<http://www.guardian.co.uk/g2/story/0,,1955701,00.html>
24.11.06

On Migrants Day, UN calls on States to ratify treaty protecting their rights

The United Nations today marked International Migrant's Day with fervent appeals for the vast majority of States who have not yet done so to adhere to the treaty that seeks to protect the rights of the estimated 195 million people around the world who have left their homelands in search of better lives.

"Rising numbers of migrants are being exploited and abused by smugglers and traffickers," Secretary-General Kofi Annan said in a message. "Others suffer discrimination, xenophobia or racism. In some instances migrants are demonized as a burden on their host societies even when objective assessments suggest otherwise."

Mr. Annan noted that international cooperation can play a crucial role in ending such abuse, pointing to last September's UN Summit in New York which highlighted a core set of priorities, ranging from ensuring the human rights of migrants and preventing exploitation and people-smuggling to increasing the development gains from international migration.

He stressed the many important safeguards contained in the Convention on the Protection of the Rights of All Migrant Workers and Members of their Families, including the provision of accurate information on conditions of migration, so that it becomes an informed choice and not a jump into the unknown; and halting illegal movement of migrants so that they do not fall victim to unscrupulous criminals.

Other clauses provide for stopping clandestine employment of irregular migrants so that they do not work in abusive conditions but enjoy safe and decent work and equal wages; and facilitate the orderly return of migrants, so that they can enjoy

adequate economic and social conditions for their reintegration.

"Yet most States have yet to adhere to this treaty," Mr. Annan said. "On this International Migrants Day, I urge all Member States who have not done so to sign and ratify the Convention, and in any event to provide all migrants with the rights and protection they need and deserve."

Only 34 States have so far ratified the treaty that entered into force in 2003 after being adopted by the General Assembly in 1990. Mr. Annan noted that migrants from the developing world sent back to their families last year an estimated \$167 billion, easily exceeding the total of international aid.

His appeal for an end to the abuse of migrants was echoed by UN High Commissioner for Human Rights Louise Arbour. "The reality for many migrants is one of exploitation, exclusion, discrimination, abuse and violence amounting to widespread human rights violations. They frequently find themselves accepting dangerous or unhealthy employment with few avenues to seek redress when abuses occur," she said in a message.

"Organized crime and smuggling networks target irregular migrants and lead them into such high-risk situations as perilous border crossings and trafficking. The news media is full of stories of migrants perishing at sea, suffocating in cargo holds or being subjected to rape and abuse while in transit.

"This must change. We must spare no effort to eradicate human trafficking, protect those who may fall prey to smugglers and hold those profiting from human misery accountable for their crimes," she added.

Noting that about half of all migrants are women, UN Population Fund (UNFPA) Executive Director Thoraya Ahmed Obaid, called for policies and laws to promote and protect their human rights.

The independent Special Rapporteur of the UN Human Rights Council on the Human Rights of

Migrants, Jorge Bustamante, and the Chairperson of the Committee on Migrant Workers, Prasad Kariyawasam, also issued a joint statement calling for states to ratify the Convention. [TOP](#)

Fonte:
<http://www.un.org/apps/news/story.asp?NewsID=21024&Cr=migrant&Cr1> - 18.12.06

Indians in New Zealand face job bias

Indians in New Zealand face job discrimination up to 10 times or more compared to New Zealanders, a survey has found.

Almost two in every three Indians (63 per cent) felt they have been discriminated in the recruitment process or at work, according to the survey by the Global Indian magazine.

An Indian in New Zealand is likely to be in an administrative or physical job and be underpaid. The survey revealed that three in four (72 per cent) Indians felt their career has been adversely affected after migrating to New Zealand.

One in two Indians said they have never been promoted in a job in New Zealand. Two in three Indians feel that their salary is not in line with their qualifications and skills. One said that he had not had a permanent job for the past 12 years.

"I did not get one promotion in the last 10 years. I am in a Catch-22 situation because my kids are schooling in New Zealand. Now I am unable to go back to India as I have to wait for them to finish their schooling," another respondent said.

The salary levels of Indians in this country indicate that almost a third of Indians earn less than NZ\$ 40,000 (about \$26,000) a year while half of all Indians earn less than NZ\$50,000.

Referring to the 'No Kiwi experience' cited by many recruiters, one respondent said that this effectively meant that Indians in New Zealand

face the prospect of not being allowed into water until they learn how to swim.

The survey, which was conducted among 232 Indians in New Zealand, also found that every third Indian is employed in physical, administrative, secretarial or customer service role.

However, the survey also highlighted a minority group in the Indian community that has fought against all odds to achieve their goals.

"In the beginning, yes, I felt my career was adversely affected. However, things have got better as the Kiwis became more aware that Indians could speak English and were hardworking, sincere and loyal," one respondent said.

"And thanks to us Indians who have proved to the doubtful Kiwis that we actually speak the Queen's English with good pronunciation, correct spelling and are not lazy speakers."

The respondents cited a need for employers, the immigration service, and migrants to develop solutions to address the issue.

"(There is a need for) cross-cultural training and diversity management skills among management personnel (not HR departments alone)," one respondent said. [TOP](#)

Fonte:
<http://economictimes.indiatimes.com/articleshow/msid-2082792.cmpg-1.cms> - 04.10.06

Descartan relación entre inmigración y aumento de la criminalidad en EU

Estudio del IPC echa abajo el argumento de quienes alientan la construcción del muro
Jose Antonio Roman

El problema de la criminalidad en Estados Unidos radica principalmente en la gente nacida en ese país y no en los inmigrantes, señala el Centro de Políticas Migratorias, con sede en Washington, que contradice de esta forma una "impresión generalizada" que existe sobre este tema y que ha sido tomada como argumento principal por quienes alientan la construcción del muro fronterizo.

Basada en datos oficiales del gobierno de Estados Unidos y en el más reciente censo, la investigación revela que el número de inmigrantes que va a prisión es mucho menor que el de los ciudadanos de origen extranjero nacidos en territorio estadounidense.

Además, el documento muestra que el grupo de inmigrantes de entre 18 y 39 años de edad tuvo un promedio de casos de encarcelamiento cinco veces menor que el de los nacidos en Estados Unidos.

Los autores del estudio, el sociólogo Rubén G. Rumbaut, de la Universidad de California, y Walter A. Ewing, investigador asociado del Centro de Políticas Migratorias -IPC, por sus siglas en inglés-, señalan que este nuevo trabajo echa por tierra definitivamente y con datos comprobables, la "impresión generalizada" en algunos sectores de ese país de que los inmigrantes "están sobrerrepresentados en los centros penitenciarios y que son la causa principal de la criminalidad".

Por el contrario, se revela que el número de inmigrantes que va a prisión es mucho menor que el de los ciudadanos de origen extranjero nacidos en ese país.

Publicado el pasado fin de semana, el estudio señala, por ejemplo, que mientras los índices criminales han descendido, el de la inmigración va en aumento.

Si fuera cierto que hay una relación entre inmigración y criminalidad, el número de inmigrantes detenidos también habría aumentado, situación que no ha ocurrido, sino que va en sentido inverso.

Inclusive, el texto menciona que las ciudades conocidas por tener población con gran número de inmigrantes, como Los Angeles, Nueva York, Chicago, San Diego, El Paso y Miami, han experimentado un descenso de 34.2 por ciento en los índices de criminalidad durante los pasados seis años.

La intervención de los medios

Explica que muchas personas que han llegado a Estados Unidos, especialmente de México y Centroamérica, jóvenes con escolaridad baja, encajan en el estereotipo que durante décadas se ha construido en los medios de comunicación y que sectores de la sociedad estadounidense responsabilizan, sin ninguna base científica, de la criminalidad.

Tras los atentados terroristas del 11 de septiembre de 2001, "hay una asociación del miedo y la ignorancia, donde el terrorismo y la inmigración indocumentada se mencionan a menudo en el mismo renglón", señala el texto de la investigación.

Sin embargo, aclara que la "impresión anecdótica no puede sustituir a la evidencia científica. De hecho, los datos del censo y de otras fuentes confiables demuestran que al confrontar la información sobre cada grupo étnico se observa que el número de encarcelamientos entre hombres jóvenes es más baja para los inmigrantes e incluye los que tienen menor educación formal; esto es una verdad, especialmente para los mexicanos, salvadoreños o guatemaltecos, que conforman la mayoría de la población indocumentada".

En el caso específico de los mexicanos, en 2000 este grupo tenía un índice de encarcelamiento de sólo 0.7 por ciento, ocho veces más bajo que el 5.9 por ciento de varones estadounidense llevados a prisión, situación que se ha mantenido en los años recientes. En iguales circunstancias se encuentran los inmigrantes de Latinoamérica o Asia.

El estudio agrega que en esta asociación de inmigración-crimen han influido de manera importante los mitos y los estereotipos difundidos en los medios de comunicación, uno de ellos el cine y la televisión, en donde constantemente muestran a la mafia italiana, los marielitos cubanos, los yakuza japoneses, la tríada china, los mara salvatruchas salvadoreños y los narcotraficantes colombianos y mexicanos.

Destaca también que durante los pasados 15 años ha llegado a Estados Unidos el mayor número de inmigrantes en toda su historia. El número de indocumentados se ha duplicado desde 1994. Actualmente suman más de 38 millones de personas extranjeras que residen en

su territorio, cifra que equivale a 13 por ciento de su población. [TOP](#)

Fonte:
<http://www.jornada.unam.mx/2007/03/07/index.php?section=politica&article=015n1pol> - 07.03.07

Colectivos de inmigrantes piden no vincular inmigración con criminalidad

Varios colectivos de inmigrantes latinoamericanos aseguraron hoy que es muy 'peligroso' que se vincule a los inmigrantes con un crecimiento de la criminalidad, porque la mayoría de ellos están 'perfectamente integrados' en la sociedad española.

El presidente de la Asociación Cultural por Colombia e Iberoamérica de Madrid, Alvaro Zuleta, manifestó a Efe que 'hay que hacer un trabajo mucho más intenso de integración con jóvenes que entran en estas bandas latinas por una falta de arraigo muy importante'.

'La sociedad debe reflexionar sobre el aumento de la violencia juvenil en las aulas, en las zonas de ocio y, en general, en las calles, que requiere de una intervención inmediata por parte de las administraciones', apuntó Zuleta, que abogó por un incremento de las políticas sociales frente a las intervenciones policiales.

Añadió que el 'vamos a por ellos' que ayer se escuchó en Alcorcón, donde unas 600 personas se concentraron tras un enfrentamiento el sábado entre grupos de españoles y de latinoamericanos, es 'muy peligroso' porque genera racismo y crea una situación de conflictividad que 'sólo genera más violencia'.

La presidenta de la Asociación Iberoamericana para la Cooperación al Desarrollo y Derechos Humanos, Elvira Pabón, manifestó a Efe que el 95 por ciento de los inmigrantes están integrados y que 'la actuación de las bandas latinas nada

tiene que ver con la presencia de inmigrantes en las ciudades españolas'.

'La labor de los inmigrantes en España es tan importante que, si todos se paralizaran, la actividad en sectores como la hostelería, la construcción y determinados servicios acabaría', dijo Pabón.

Para esta asociación la situación es muy 'preocupante' en barrios conflictivos de toda la región donde se lanzan consignas de 'acoso y derribo al inmigrante'.

Desde la Asociación Alba de Alcorcón, que trabaja con los inmigrantes residentes en la localidad, se pidió 'más trabajo a pie de calle con los jóvenes inmigrantes del municipio para lograr su plena integración'.

La asociación considera que en Alcorcón no hay un problema de racismo y sostiene que 'muchos de los jóvenes que ayer se concentraron y profiriendo insultos racistas ni siquiera eran de Alcorcón'. [TOP](#)

Fonte:
http://actualidad.terra.es/sociedad/articulo/colectivos_inmigrantes_no_vincular_inmigracion_1343031.htm - 22.01.07

Refuerzan control federal en cárceles

El objetivo es atrapar a más indocumentados
Gillian Flaccus - Associated Press

Juan Martínez esperaba con entusiasmo regresar a su empleo de la construcción después de cumplir la condena de un mes al violar su libertad condicional por cargos de drogas. Sin embargo, cuando fue liberado de la cárcel del condado de Orange ya lo esperaban los agentes de inmigración, no su madre. El indocumentado de 23 años de edad fue detenido para su

deportación con 68 dólares en el bolsillo y pocas perspectivas.

"Probablemente no regrese", dijo acerca de ser enviado a Tijuana, México. "Si vuelvo, continuaré yendo a la cárcel y no quiero eso". Martínez es uno de los miles de jóvenes inmigrantes indocumentados identificados en las cárceles y prisiones de todo el país. Considerados como

puntos estratégicos para la búsqueda de inmigrantes indocumentados, las penitenciarías son inspeccionadas por un creciente número de agentes federales que escudriñan a los arrestados nacidos en el extranjero y deportan a aquellos sin la documentación adecuada.

Las autoridades federales también están reclutando la ayuda de las autoridades locales para investigar a los inmigrantes que hayan sido arrestados. "Hay un mayor reconocimiento que los delincuentes extranjeros amenazan a toda la comunidad", dijo Virginia Kice, portavoz de la Oficina de Inmigración y Aduanas (ICE). "ICE está realizando una reestructuración interna para mejorar la cobertura de las cárceles".

Los intentos previos por pillar inmigrantes indocumentados en las cárceles eran aleatorios y requerían demasiado esfuerzo, las autoridades federales controlaban las listas de presos en algunos centros de detención una vez por semana o menos. La situación permitía que algunos de los peores infractores de las leyes inmigratorias evitaran ser detectados y volvieran a las calles después de cumplir su condena.

Los grupos conservadores en relación al tema de la inmigración recibieron con entusiasmo la nueva estrategia, pero les preocupa que el énfasis en los controles carcelarios sea una táctica política que amenace con desviar personal y recursos muy necesarios para detener a las personas que cruzan la frontera ilegalmente.

"Es una forma de hacerlo que todo el mundo apoya, pero no tiene un efecto real en el flujo total de inmigración", dijo Mark Krikorian, director ejecutivo del Centro de Estudios sobre Inmigración, un comité asesor conservador. "Sólo calla a los críticos".

Los grupos que defienden los derechos de los inmigrantes se oponen a la estrategia. Dicen que los inmigrantes indocumentados pueden dejar de denunciar los casos de abuso infantil o violencia doméstica para evitar que los esposos o padres sean deportados. También les preocupa que las personas que son arrestadas por error sean deportadas como resultado de los controles en la cárcel.

"Es una práctica que conduce a debilitar o eliminar las libertades civiles, en primer lugar para los inmigrantes", dijo Nativo López, presidente de la Asociación Política de Mexicanoamericana con

sede en Los Ángeles. "Todos nos vemos afectados por eso, más allá de si estamos aquí ilegalmente o si podemos rastrear nuestros orígenes a los primeros colonizadores", dijo.

Las autoridades de ICE responden diciendo que realizar más controles en las cárceles es fundamental para reducir la cantidad de delitos graves perpetrados por inmigrantes indocumentados. En diciembre, por ejemplo, un indocumentado con antecedentes de arrestos por agresión y drogas disparó a dos agentes de la policía de Long Beach antes de morir en el tiroteo.

"Éste no es realmente un tema de inmigración, es un tema de seguridad pública", dijo Kice. "Podemos estar seguros de que habrá muchos dedos acusadores al final del día si hacen algo malo". Aproximadamente la mitad de los 190 mil indocumentados que fueron deportados de este país el año pasado tenían antecedentes penales, dijeron las autoridades. En los próximos dos años, ICE espera incrementar esa cifra, aumentando el personal asignado a las cárceles a través del Programa de Delincuentes Extranjeros. Por razones de seguridad, ICE se negó a proporcionar la cantidad real de empleados en dicho programa, pero espera agregar 220 empleados a partir de 2008.

El organismo recibió un aumento de 45 millones de dólares en su presupuesto para este año, con el fin de incrementar el número de deportaciones de delincuentes, dijo Julie L. Myers, secretaria adjunta para ICE del Departamento de Seguridad Interna (DHS). Ha solicitado otros 31 millones de dólares para el próximo año, con lo que el presupuesto del Programa de Delincuentes Extranjeros alcanzaría los 168 millones de dólares.

La financiación no alcanza para pagarles a oficiales en todas las cárceles y prisiones del país. ICE espera poder ampliar su alcance mediante la expansión de otro programa que permite que las autoridades capaciten al personal local de las cárceles sobre la ley federal de inmigración, de forma que ellos mismos puedan identificar a los indocumentados.

La capacitación se orienta para el uso en cárceles por parte de 21 departamentos de policía y del Sheriff de todo el país. Cuatro condados en el sur de California que ya participan en el programa

han identificado a más de 4,600 inmigrantes indocumentados desde octubre, dijo Kice.

En Costa Mesa, una ciudad de alrededor de 105 mil habitantes en el condado de Orange, un agente de ICE ha sido asignado de tiempo completo en la cárcel municipal desde diciembre. El agente identificó 46 indocumentados durante el primer mes, incluyendo a dos hombres con antecedentes de arrestos que habían sido deportados en varias ocasiones.

Jim Hayes, director de la oficina de ICE en Los Ángeles, desea enviar agentes de inmigración a docenas de cárceles de la ciudad y del condado en la región para el año próximo. En febrero, llevará a cabo sesiones informativas para los organismos interesados. "Estamos dispuestos a trabajar con cualquiera", dijo. "Nuestras puertas están abiertas; creo que es importante no dejar pasar esta oportunidad". [TOP](#)

Fonte: <http://www.laopinion.com/primerapagina/?rkey=000000000000001120580> - 19.01.07

Aumenta fallecimiento de mujeres migrantes

Julieta Martinez

En los últimos años se ha triplicado el número de mujeres que mueren al intentar cruzar sin documentos a Estados Unidos.

La trabajadora social de la Casa de la Mujer Migrante "Madre Assunta", Mary Galván, aseguró lo anterior y advirtió que la estadística podría aumentar en la medida en que avanza la migración femenina.

Las cifras se dispararon a partir de que se puso en marcha el Operativo Guardián a finales de 1994, con la instalación de bardas y tecnología que desviaron las rutas migrantes hacia zonas más peligrosas.

Galván recordó que en esa fecha activistas defensores de los derechos de los migrantes advirtieron el riesgo de que se registraran muertes y comenzaron un conteo, por lo que pudieron detectar que al principio las muertes femeninas eran menos de 10% del total y ahora se ha incrementado hasta 45%.

Las estadísticas corresponden a toda la línea divisoria entre México y Estados Unidos, dijo.

Explicó que la mayoría de los decesos han ocurrido en desiertos y montañas, principalmente en la parte este de la frontera. [TOP](#)

Fonte: <http://www.eluniversal.com.mx/estados/62925.html> - 03.11.06

Jóvenes españoles “en guerra” con latinos llaman a nuevas protestas

Con consignas xenófobas por celulares e Internet, piden reunirse este sábado. Denuncian que una banda de inmigrantes latinoamericanos cobra peajes y roba camperas.

Juan Carlos Algañaraz

Por las calles de Alcorcón, los jóvenes se pasan el santo y seña: hay que reunirse el próximo sábado para protestar en las canchas deportivas que han sido el centro de los conflictos con inmigrantes latinoamericanos. Es la guerra, dicen los mensajes por los celulares.

Después de los graves incidentes del sábado pasado, tres heridos de arma blanca, uno grave, y los disturbios del domingo, el lunes se pasan los mensajes por los celulares con lenguaje bélico: "Alcorcón unido contra los 'Latin Kings'. Es

nuestro barrio. Quedada (reunión) el 27 de enero en las canchas del Coura. No nos achantarán. Esto es la guerra".

Con más o menos el mismo texto otros agregan: "Podéis venir como y con lo que queráis" (o sea, con objetos contundentes). Que se hagan a la idea de que tendrán que salir de Alkorkon. Pásalo".

En el Centro Joven hay algunas canchas deportivas. Allí hay un grupito de pibes que

prometen "echar a los que nos joden". ¿Quiénes?, pregunta el periodista. "Estamos hartos de que nos quiten las canchas deportivas. Te piden dinero, dos o tres euros cada uno, para que podamos jugar al baloncesto. Esto es de todos. No se lo pueden quedar ellos", dice un joven no mayor de 15 años, rodeado de chicas y muchachos todos en la primera adolescencia.

Los que están afuera del círculo rodeando al periodista vigilan para avisar si llega la Policía. Y los guardias arriban inexorablemente en cuanto ven a un grupo.

"Aquí ya tenemos miedo de salir a la calle", explica una señora cubierta con un paraguas. "Ya no sabes lo que te vas a encontrar. Los chicos dicen que si les gustan las cazadoras (camperas) se las quitan. O las zapatillas", añade. Otro chico que ha escuchado el diálogo explica: "Y si no se los das, palizón".

"Ellos", los agresores, los otros, son invariablemente colombianos, ecuatorianos o dominicanos. También hay bolivianos, pero menos. Las acusaciones no van indiscriminadamente contra los latinoamericanos —todos insisten en realidad en que no son racistas— sino contra la banda de los Latin Kings, que se ha ido adueñando de las calles de esta ciudad de 164.000 habitantes ubicada 13 kilómetros al sudoeste de la capital española.

Los vecinos acompañan a sus jóvenes en la protesta pero dicen una y otra vez: "No queremos violencia, aquí vivimos en paz, nunca ha habido problemas entre nosotros." "Nosotros" quiere decir los españoles, que como inmigrantes fueron llegando desde todos los rincones más pobres del país hacia Alcorcón y otras localidades del sur de Madrid, "el cinturón rojo", por la fuerte presencia de la izquierda en los ayuntamientos.

Después llegaron los inmigrantes extranjeros, y con ellos muchos latinoamericanos, la mayoría de origen ecuatoriano.

"Nosotros estamos ahora muy asustados, señor. Somos una familia de trabajadores y no nos metemos con nadie. Pero tenemos miedo de poner un pie en la calle después de lo que ha pasado", explica una señora ecuatoriana a la que miran, con ojos asustados, su marido y tres hijos pequeños.

Los temores no parecían haber permanecido demasiado tiempo porque el periodista pudo

comprobar que al correr las horas este lunes, la normalidad devolvía a los latinoamericanos a sus actividades sin que se registraran incidentes.

Oscar es un argentino de unos 30 años que vive hace más de cinco años en este suburbio de Alcorcón con su familia. "Lo que ha sucedido el fin de semana es muy raro, pero creo que la llegada de inmigrantes ha sido muy fuerte y hay muchos problemas de integración. Con los argentinos no va todo este tema. En realidad, no somos tantos y estamos muy bien asimilados. Pero, no te dejés confundir por esta falsa tranquilidad. Hay mucha bronca", advierte.

El sábado, una reyerta de decenas de jóvenes españoles contra otros latinoamericanos terminó con tres heridos por arma blanca, uno muy grave al que ayer operaron en el hospital local. Al día siguiente, domingo, los teléfonos celulares hervían con mensajes convocando a concentrarse a las 6 de la tarde para protestar.

Las calles de la ciudad se transformaron en un escenario de corridas, gritos de ¡Mueran los Latin Kings! y otros más individuales de ¡Viva España!. Hubo piedras y una resistencia enérgica contra la Policía. Se informó que ocho jóvenes, seis de ellos menores de edad, habían sido detenidos por la investigación de las heridas a las tres personas que fueron internadas.

Pero la calma volvió después de muchos alborotos a los que no están acostumbrados estas casas de departamentos donde viven familias de trabajadores españoles y, en las zonas más humildes, se amontonan los inmigrantes.

Soledad Mestre, la delegada del gobierno en Madrid, ha sido categórica: en Alcorcón y en el resto de la comunidad no hay actividad de bandas latinas desde hace seis meses.

Los enfrentamientos son puntuales, y expresan tensiones por la coexistencia de españoles e inmigrantes. En esto todos coinciden. La llegada de inmigrantes ha sido masiva; los muchachos y chicos que han llegado de Ecuador, Colombia, Bolivia y otros países están aislados y tienen serios problemas de identidad.

Pero las tensiones han saltado a la luz. Por ejemplo, ayer, muchos chicos de las escuelas secundarias acudieron con armas blancas y palos para defenderse por si los atacaban los "Latin Kings". Estos grupos circularon después por la

ciudad y la Policía decomisó muchas armas de las que se usan para peleas juveniles y muchos cuchillos de cocina.

Ya han aparecido grupos de ultraderecha con su simbología nazi que piden que los inmigrantes se vuelvan a sus casas. Pero también hay grupos de izquierda, antifascistas, antisistemas, todo revuelto en una serie de miedos y disparates que crean una confusión cada vez más peligrosa.

Para los argentinos en España, no hay racismo generalizado

"Lo que ha ocurrido en Alorcón no es el comienzo de una ola de xenofobia. Es un hecho puntual, independiente de su gravedad", explica a Clarín Lois Pérez Leira, coordinador del Movimiento Argentinos en el Exterior.

"Creemos que hay que enviar un mensaje de tranquilidad a las familias argentinas en España.

No existen en el Estado español actitudes racistas generalizadas. Sólo situaciones como en la mayoría de las sociedades donde conviven distintas culturas o etnias", añadió Pérez Leira.

Para empezar, evoca varias encuestas que ponderan a los inmigrantes argentinos como "el mejor valorado por la sociedad española y el más integrado".

En la última década, la presencia de inmigrantes latinoamericanos se ha triplicado. "Los hechos de Alorcón son una alerta para el gobierno, que debe implementar políticas más activas de integración en escuelas y trabajos, fundamentalmente", señaló el dirigente comunitario. En España viven unos 152.000 argentinos. [TOP](#)

Fonte: <http://www.clarin.com/diario/2007/01/23/elmundo/i-02101.htm> - 23.01.07

Una ONG de ayuda a inmigrantes sufre tres ataques en el último año

CEAR denuncia la colocación de un artefacto explosivo en su sede de Valencia
Jaime Prats

La sede de la Comisión Española de Ayuda al Refugiado (CEAR) en Valencia ha sufrido tres ataques en el último año. El último fue el sábado. Una explosión en el bajo de las oficinas donde esta ONG presta ayuda a inmigrantes destrozó el cristal de la ventana, dañó la estructura metálica de la entrada y descolgó cartel. En marzo y mayo pasados, esta organización sufrió agresiones similares, a las que se suman la media docena de veces que les han sellado las cerraduras con silicona. Desde CEAR están convencidos de la naturaleza racista de este hostigamiento.

Una "fuerte explosión" sobresaltó el mediodía del sábado a los vecinos del barrio de L'Olivereta en el que se encuentra la sede en Valencia de la CEAR. Al desplazarse al lugar, sus responsables se encontraron con un escenario que se está convirtiendo en algo demasiado frecuente el último año. Además de cristales rotos, empujados varios metros hacia el interior del local, la agresión provocó "daños en la estructura metálica del acceso y en un cartel de cartón exterior" como recoge la denuncia presentada en la tarde del sábado.

Este atestado es un documento muy similar a otros presentados con anterioridad. Las oficinas de CEAR en Valencia ocupan la planta baja de una finca y se extienden a ambos lados de la puerta de acceso a la vivienda. Detrás de una puerta corrediza metálica se encuentran las ventanas y la puerta de acceso, todas ellas protegidas por barrotes. Sin embargo, esta doble protección se ha mostrado incapaz de frenar los ataques que recibe periódicamente esta sede.

El 1 de mayo pasado, una agresión causó la rotura de cristales y de la estructura metálica de la entrada. Y el 13 de marzo, la misma historia. Éstas han sido las incidencias más graves que ha sufrido esta entidad, pero no las únicas. En el pasado año, además ha habido media docena de ocasiones en la que los trabajadores de CEAR se han encontrado con las cerraduras bloqueadas con silicona. El acoso ha llegado hasta el punto de que los trabajadores y usuarios de las instalaciones sufrieron el lanzamiento de petardos mientras se encontraban en la calle, agresiones que han sido denunciadas repetidamente a la Policía Nacional.

Por todo ello, tanto los miembros de esta organización no gubernamental como los vecinos que comparten el mismo edificio "temen por su integridad física" ya que tienen la convicción de que la causa de los ataques "son racistas y xenófobos y están relacionados con la labor que desempeña la organización", tal y como hicieron constar en la denuncia.

"No tenemos la menor duda de que se trata de un móvil xenófobo y racista, porque una cosa es que pongan silicona y otra que pongan petardos o un artefacto explosivo", insistió ayer Jaume Durà, portavoz de la organización, que agregó que, aunque no sospechan de nadie en particular, "creemos que puede ser alguna persona del barrio". Durà indicó que pretenden reconducir todos estos ataques hacia un mismo procedimiento judicial, donde incluso podrían personarse, ya que considera que podrían formar parte "de un delito continuado".

Una situación similar la ha padecido la sede comarcal del Bloc en Gandia, que ha sufrido

cuatro ataques en menos de un año. Un grupo de personas, todavía sin identificar, incendiaron la noche del viernes pasado el cierre de metal del local, y el fuego afectó al cartel y la puerta de entrada. Poco después del suceso, el portavoz municipal y candidato en Gandia, Josep Miquel Moya, trasladó la inquietud de la agrupación local por este tipo de actos vandálicos. "Siempre se producen después de declaraciones o manifestaciones políticas en la ciudad en contra de nuestra formación", dijo. El líder nacionalista advirtió de que su formación "seguirá desarrollando su trabajo político" y no se dejará intimidar por las amenazas. El Bloc trasladará la denuncia a la Delegación del Gobierno para que intervengan e identifiquen al autor o autores de estas acciones. [TOP](#)

Fonte:

http://www.elpais.com/articulo/Comunidad/Valenciana/ONG/ayuda/inmigrantes/sufre/ataques/ultimo/ano/elpepuespval/20070206elpval_3/Tes - 06.02.07

El Ku Klux Klan resurge en Estados Unidos

Según un estudio de la Liga Anti Difamación el grupo racista ha reaparecido ante el creciente flujo de inmigración latina

Estados Unidos asiste al resurgimiento del Ku Klux Klan, grupo racista que aboga por la supremacía de la raza blanca, debido al creciente flujo de inmigración latina que recibe el país, según un estudio aparecido esta semana. El Ku Klux Klan (KKK), grupo que vivió un gran apogeo. Ésta es la mayor conclusión a la que ha llegado un informe publicado esta semana por la Liga Anti Difamación, organización dedicada al seguimiento de las actividades de los grupos racistas en EEUU, que ha hecho saltar las alarmas en un país en el que la inmigración se ha convertido en un punto controvertido de la agenda política.

"Si hay un tema que se pueda relacionar con el resurgimiento del Ku Klux Klan es el debate sobre la inmigración en Estados Unidos", ha asegurado Deborah Lauter, directora de la Liga Anti Difamación, quien asegura que el KKK responsabiliza a los inmigrantes, especialmente a los latinos, de la inseguridad ciudadana y de robar los empleos de los estadounidenses.

en Estados Unidos en los años veinte y treinta gracias a su antisemitismo y odio a la población negra, parece estar despertando de un letargo que le ha mantenido casi inactivo durante los últimos años para cargar todas sus armas contra una nueva inmigración: la hispana.

Indumentaria neonazi

El informe destaca que el resurgimiento de la triple K, aún reciente en la memoria de muchos estadounidenses, se manifestó de manera especial en 2006, cuando se registraron mayores movimientos de células del grupo y el surgimiento de nuevas hermandades en lugares de EEUU donde nunca habían estado presentes.

Según la Liga Anti Difamación, el KKK ha revivido en lugares del sur del país, bastión de la organización durante años, pero ha aparecido en estados donde su actividad era nula como Michigan, Iowa, Pennsylvania o Nueva Jersey, donde su unión con organizaciones de ideología neonazi se ha hecho patente en los últimos meses.

El informe asegura que los nuevos miembros del KKK han adaptado su indumentaria y sus rituales a los de grupos neonazis e, incluso, participan juntos en las denominadas "marchas por la unidad" en contra de las comunidades de inmigrantes.

Los hispanos en el punto de mira

Ni los judíos, ni la población de raza negra, ni los católicos; parece que esta vez son los hispanos los que centran buena parte de los ataques del KKK en los últimos meses, ya que esta comunidad se ha convertido en la más importante numéricamente entre los recién llegados a Estados Unidos.

"No nos extraña. Los actos de racismo contra hispanos son una realidad. Los grupos de supremacía blanca siempre han atacado a una inmigración que consideran del tercer mundo, inculta y que puede acabar con su civilización", ha explicado el director del Comité de Inmigración de la Alianza del Liderato Latino de Nueva Jersey, Mahonry Hidalgo.

Hidalgo ha recordado algunos los actos violentos en contra de hispanos, especialmente los episodios acontecidos en algunos puntos de Nueva Jersey, donde ha habido "manifestaciones en contra de los hispanos en que los asistentes portaban banderas confederadas y cruces esvásticas, y tras las que se dejaban folletos racistas en las puertas de los hogares latinos".

El informe también alerta de los nuevos métodos propagandísticos que el Ku Klux Klan, que ahora utiliza internet, "como nueva arma para extender el racismo" y para captar nuevos miembros y comunicarse entre ellos. En la red se pueden encontrar multitud de páginas relacionadas con la formación racista e incluso se puede tener acceso a una emisora de radio digital - KKK Radio, dirigida por una organización que se hace llamar 'Caballeros del Imperio' - que emite propaganda antisemita y racista. [TOP](#)

Fonte:

http://www.elpais.com/articulo/internacional/Ku/Klux/Klan/resurge/Estados/Unidos/elpeuint/20070210elpeuint_1/Tes - 10.02.07

Prossimi numeri della Rassegna MIGRAZIONI NELL'ATTUALITÀ:

- Giugno 2007 – Economia e migrazioni: lavoro / brain drains
- Settembre 2007 – Cultura: xenofobia / discriminazioni
- Dicembre 2007 – Migrazioni forzate: Rifugiati

Próximos números da Resenha MIGRAÇÕES NA ATUALIDADE:

- Junho 2007 – Economia e migrações: trabalho / fuga de cérebros
- Setembro 2007 – Cultura: xenofobia / discriminações
- Dezembro 2007 – Migrações forçadas: Refugiados

Next up dates our MIGRATION REVIEW:

- June 2007 – Economy and migrations: work / brain drains
- September 2007 – Culture: xenophobia / discriminations
- December 2007 – Forced migration: Refugees

Próximos números de la Reseña MIGRACIONES EN LA ACTUALIDAD:

- Junio 2007 – Economía y Migraciones: trabajo / fuga de cerebros
- Septiembre 2007 – Cultura: xenofobia / discriminaciones
- Diciembre 2007 – Migraciones forzadas: Refugiados

Títulos da Resenha Migrações na Atualidade

1. BRASIGUAIOS
2. EMIGRAR - Opção ou necessidade
3. OS EXPULSOS DA TERRA
4. MIGRAÇÕES E TRABALHO
5. LEIS E MIGRAÇÃO
6. MIGRAÇÕES NORDESTINAS
7. JOVENS MIGRANTES
8. MIGRAÇÕES INTERNAS: Aspectos vários
9. DESEMPREGO
10. VÍTIMAS DO RACISMO
11. MORADIA: Direito de todos
12. FAVELAS: Migração da dignidade humana
13. FOME E MISÉRIA
14. LATINO - AMERICANOS EM MIGRAÇÃO
15. A FAMÍLIA
16. TRABALHO ESCRAVO
17. SOS: Pequenos sem lar
18. REFUGIADOS
19. EXCLUÍDOS - Um clamor à justiça e a solidariedade
20. MULHER MIGRANTE - Solidariedade e acolhida
21. SEM – TERRAS
22. DIREITOS HUMANOS - Violação e defesa
23. TERRA E MIGRAÇÃO
24. MIGRANTES EM SITUAÇÃO IRREGULAR
25. CRIANÇAS, ADOLESCENTES E TRABALHO
26. A CAMPANHA DA FRATERNIDADE /97 E AS MIGRAÇÕES
27. MIGRANTES E AS RELAÇÕES DE TRABALHO
28. VIOLÊNCIA CONTRA MIGRANTES.
29. PELA DIGNIDADE DO MIGRANTE
30. DESEMPREGO EM ALTA
31. EDUCAR É PRECISO
32. SECA AUMENTA O VAIVÉM DE MIGRANTES
33. ANISTIA A ESTRANGEIROS EM SITUAÇÃO ILEGAL
34. SEM TRABALHO ... POR QUÊ ?
35. DESAFIOS DA MIGRAÇÃO FRENTE O NOVO MILÊNIO
36. O MIGRANTE É VÍTIMA !...
37. REFUGIADOS: desafio à solidariedade
38. DIGNIDADE HUMANA E PAZ - CF/2000
39. XENOFOBIA
40. TRÁFICO HUMANO - a escravidão moderna
41. CRIANÇAS E ADOLESCENTES na armadilha da globalização
42. DROGAS, uma ameaça à VIDA.
43. MULHERES: Protagonistas ou excluídas?
44. MIGRANTES e Conflitos armados
45. RETRATO SOCIAL dos MIGRANTES.
46. POVOS INDÍGENAS, resgate de uma civilização.
47. ALIMENTAÇÃO é um direito humano. Por que tanta fome?
48. IMIGRANTE: rejeitado, mas indispensável!
49. ÁGUA: fonte de segurança alimentar.
50. PESSOAS IDOSAS: dignidade e esperança.
51. A MERCANTILIZAÇÃO DO SER HUMANO
52. EMIGRAÇÃO: As lutas de brasileiros e brasileiras no exterior.
53. DISCRIMINAÇÕES: o ser humano ferido.
54. MIGRAÇÕES INTERNACIONAIS: rumos e desafios.
55. MIGRAÇÕES: culturas e integração.
56. REFUGIADOS: novos desafios na conjuntura atual.
57. TRÁFICO DE SERES HUMANOS: negação da dignidade.
58. MIGRAÇÕES: leis insuficientes e políticas migratórias discriminatórias.
59. MIGRAÇÕES E DESENVOLVIMENTO.
60. XENOFOBIA: o migrante como ameaça. Por quê?
61. RELIGIÕES: força e fragilidade dos migrantes
62. MIGRAÇÕES INTERNACIONAIS: novos fluxos e políticas seletivas
63. POBREZA produz migração. Migração contrasta a pobreza?
64. CAMINHOS E DESCAMINHOS DA INTEGRAÇÃO
65. POVOS EM FUGA: os/as deslocados/as
66. CRIMINALIZAÇÃO DOS MIGRANTES E VIOLÊNCIA NO CONTEXTO MIGRATÓRIO: desafios